



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

Masculinidades e Violência Sexual em Ambientes Recreativos Noturnos: uma análise comparativa entre a geração Y e Z

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia
- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante

Henrique Nuno de Jesus Nunes de Azevedo

Trabalho efetuado sob a orientação de:
Professora Doutora Cristiana Vale Pires
Professora Doutora Filipa Sobral

Porto, Novembro de 2021



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

Masculinidades e Violência Sexual em Ambientes Recreativos Noturnos: uma análise comparativa entre a geração Y e Z

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia
- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante

Henrique Nuno de Jesus Nunes de Azevedo

Trabalho efetuado sob a orientação de:
Professora Doutora Cristiana Vale Pires
Professora Doutora Filipa Sobral

Porto, Novembro de 2021

Agradecimentos

Em primeiro lugar queria agradecer à Professora Doutora Maria Carmo Carvalho por me introduzir no projeto, por toda a dedicação, paciência e transmissão de conhecimentos. Por todo o aconselhamento e incentivo dado um obrigado.

Muito Obrigado à Professora Cristiana por fomentar o meu interesse e curiosidade em temas de grande interesse. Obrigado por todo o acompanhamento e inspiração dada, foi fundamental para a minha dissertação.

Muito obrigado à Professora Filipa por toda a colaboração, motivação e simpatia durante este percurso. Permitiu-me adquirir aprendizagens para a vida.

A todos os meus colegas, amigos e família que permitiram que todo este percurso fosse repleto de bons momentos, de incentivo e de aprendizagem.

Por fim, à UCP/FEP pelos valores e estímulo transmitidos.

Resumo

O presente estudo procura analisar, a partir das repostas a um questionário online, as crenças associadas às perceções de masculinidade em homens da geração Y e Z que frequentam ambientes recreativos noturnos (ARN), de modo a analisar em que medida a adesão a normas de masculinidade hegemónica contribui para a prática de comportamentos de violência sexual em ARN. Irá estabelecer a comparação entre as respostas dadas por indivíduos de duas gerações distintas (Y e Z). Será realizada também uma análise de género para as gerações em estudo, comparando as respostas dadas por respondentes que se identificam como homem e como mulher. A amostra é constituída por 312 participantes, dos quais 69 se identificaram como homens e 243 se identificaram como mulheres. As idades variam entre os 19 e os 41 anos de idade com uma média de 26,9 anos.

Recorrendo a análises estatísticas são assinaladas as diferenças estatisticamente significativas entre os grupos em estudo. Os resultados demonstram diferenças entre o número de homens que se envolve em dinâmicas de violência sexual em ARN em comparação às mulheres, assim como, diferenças relativas à compressão do fenómeno da violência sexual em ARN e a sua relação com diferenças intergeracionais e/ou de género.

Este estudo tem como objetivo contribuir para a compreensão da violência sexual em contextos sociais, especificamente a que emerge em ARN, esperando-se que os seus resultados apoiem políticas e práticas que apoiem a promoção de experiências de lazer noturno mais seguras e igualitárias

Palavras-chave: violência sexual, geração, ambientes recreativos noturnos, análise de género.

Abstract

This study is based on the answers to an online questionnaire and aims to analyze the beliefs related to the perception of masculinity in men in two different generations (Y and Z), to analyze the extent to which the adherence to norms of hegemonic masculinity contributes to the practice of sexual violence in Nightlife Environments (NE). It will compare the answers given by individuals from two different generations (Y and Z). A gender analysis for the generations under study will also be carried out, comparing the responses given between those respondents who self-identify as men and women. The sample consists of 312 participants, 69 of which are men and 243 are women. Ages range from 19 to 42 years of age with a mean of 26.9 years.

Using statistical analyzes, statistically significant differences between groups are compared and highlighted. The results demonstrate differences between the number of men who engage in dynamics of sexual violence in NE compared to the number of women, as well as differences in the beliefs related to sexual violence that can be attributed to intergenerational and/or gender differences.

This study's aims to provide a contribution for the understanding of sexual violence in social contexts, particularly in NE. It is expected that the main research findings inform politics and practices to support safer and egalitarian social and nighttime leisure experiences.

Keywords: sexual violence, generation, nightlife environments, gender analysis

Índice

Introdução	8
Enquadramento Teórico	10
Ambientes Recreativos Noturnos	10
Masculinidade Hegemónica	11
Hipermasculinidade	14
Mitos de Violação e Vivência em Ambiente Reacreativos Noturnos	15
Relação entre Geração e Violencia Sexual.....	17
Método.....	21
Desenho de Estudo	21
Amostra	22
Instrumento.....	22
Procedimento de Tratamento de Dados.....	24
Resultados	25
Crenças Relativas à Violência Sexual em Ambientes Recreativos Noturnos	25
Posicionamento Face a Mitos da Violação.....	31
Comportamentos Praticados em Contexto de Festa	38
Discussão e Principais Conclusões.....	43
Limitações e Implicações Futuras	48
Referências Bibliográficas.....	49

Índice de Tabelas

Tabela 1 “Na tua opinião, quais das seguintes situações são violência sexual? - Resultados da Análise Estatística Para Homens (Comparação entre gerações) (Teste de Mann-Whitney U).....	25
Tabela 2 “Na tua opinião, quais das seguintes situações são violência sexual? - Resultados da Análise Estatística Para Homens e Mulheres (Geração Millennials – Comparação entre Géneros) (Teste de Mann-Whitney U)	27
Tabela 3 “Na tua opinião, quais das seguintes situações são violência sexual? - Resultados da Análise Estatística Para Homens e Mulheres (Geração z – Comparação entre Géneros) (Teste de Mann-Whitney U)	29
Tabela 4 “Concordas com as seguintes afirmações?” - Resultados da Análise Estatística para Homens (Comparação entre gerações) (Teste de Mann-Whitney U).....	31
Tabela 5 “Concordas com as seguintes afirmações?” - Resultados da Análise Estatística para Homens e Mulheres (Geração Millennials - Comparação entre Géneros) (Teste de Mann-Whitney U).....	33
Tabela 6 “Concordas com as seguintes afirmações?” - Resultados da Análise Estatística para Homens e Mulheres (Geração z - Comparação entre Géneros) (Teste de Mann-Whitney U).....	36
Tabela 7 “Quais dos Seguintes Comportamentos Praticaste em Contextos de Festa?” – Resultados da Análise Estatística para Homens (Comparação entre Gerações) (Teste de Mann-Whitney U).....	38
Tabela 8 “Quais dos Seguintes Comportamentos Praticaste em Contextos de Festa?” – Resultados da Análise Estatística para Homens e Mulheres (Geração Millennials - Comparação entre Géneros) (Teste de Mann-Whitney U).....	40
Tabela 9 “Quais dos Seguintes Comportamentos Praticaste em Contextos de Festa?” – Resultados da Análise Estatística para Homens e Mulheres (Geração z - Comparação entre Géneros) (Teste de Mann-Whitney U).....	41

Introdução

A violência sexual, mais do que um crime, é percebida como um problema social grave e um grande obstáculo ao desenvolvimento de sociedades igualitárias (Rylko-Bauer, B., & Farmer, P., 2016). É uma forma de violência que pode assumir várias formas e manifestar-se em diferentes circunstâncias (APAV, 2015). Pode ocorrer através de coerção ou do uso de força física por parte do agressor, ou sem força física quando a vítima não consegue (e.g. mantém-se passiva como resposta de sobrevivência para evitar o uso de mais violência ou dissocia-se perante a situação traumática) ou se encontra incapaz de consentir por estar alcoolizada, em estados alterados de consciência, inconsciente ou mentalmente inapta. Inicialmente definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como “qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, comentário ou avanço sexual indesejado, por coerção, independentemente do contexto em que ocorre e do relacionamento com a vítima” (WHO, 2002) foi mais tarde redefinida pela Convenção do Conselho da Europa Para a Prevenção e o Combate à Violência Contra Mulheres e a Violência Doméstica (Convenção de Istambul) para incluir “qualquer prática de natureza sexual sem consentimento da pessoa (penetração vaginal, anal ou oral de quaisquer partes do corpo) e qualquer comportamento que leve uma pessoa a praticar atos de natureza sexual com terceiros” (McQuigg, 2017) pois reconhece que nem todos os casos de violência sexual ocorrem pela coerção da vítima mas por mecanismos estruturais de subordinação patriarcal. Por exemplo, o assédio sexual, abrangido no art. 40 da Convenção de Istambul, propõe aos Estados a adoção de medidas (legislativas e outras de controlo formal) para garantir que qualquer comportamento de importunação sexual e/ou violência sexualizada, seja este verbal, não-verbal ou físico com o intuito violar e/ou invadir a dignidade de uma pessoa deva ser punido. De todas as formas de violência contra a mulher (VCM) é a que mais a afeta, superando a violência doméstica, constituindo-se, pela sua desproporcionalidade, um caso de violência de género por excelência (Sottomayor, M. C., 2015). A criminalização destes comportamentos é necessária pois os crimes sexuais já tipificados, como a coação sexual e a importunação sexual, não englobam grande parte dos comportamentos de assédio, e a “simples tentativa de” não é contemplada no âmbito de criminalização destas normas penais (arts. 163.º, n.º 2, 170.º em conjugação com o art. 23.º, n.º 1 do CP).

A procura de parceiros românticos e/ou sexuais é uma importante motivação para a frequência de ambientes de lazer noturno, contribuindo para a sua sexualização (Graham et al., 2014). Esse facto, aliado ao uso generalizado de SPA como o álcool, resulta na redução das inibições e tem o potencial para aumentar todas as formas de violência interpessoal (OMS, 2005). Vários estudos associam a configuração dos ambientes recreativos noturnos ao envolvimento em comportamentos de risco, como o uso de SPA, práticas sexuais desprotegidas e violência física e sexual (Calafat et al., 2013) especialmente entre jovens. Nestes contextos, o assédio e a violência sexual podem manifestar-se de diversas formas, através de ataques furtivos em aglomerações, do abuso sexual de pessoas intoxicadas incapazes de resistir a um avanço sexual (Aldridge & Charles, 2008), ou através de comentários sexualmente explícitos que tendem a ser normalizados nestes ambientes. Estudos sobre violência sexual em ambientes recreativos noturnos apontam para uma prevalência entre 10 % (Santos et al., 2015) a 50% (Graham et al., 2014) de violência sexualizada em maior ou menor intensidade.

As normas sociais prevalecentes tendem a legitimar e a invisibilizar a violência sexual. tal. Em ambientes recreativos noturnos, as desigualdades de género tendem a ser amplificadas em comparação a outros espaços públicos. São ambientes que optam por uma comunicação e divulgação de conteúdos sexistas e hipersexualizados (Noite da Mulher por exemplo) que intencionalizam a “caça à mulher” como estratégia para atrair clientes masculinos que, por norma são os que consomem mais bebidas alcoólicas. Impõem *dress codes*, e outras formas de objetificar a mulher (Gunby et al. 2017) que tendem a reforçar comportamentos e relações interpessoais sexistas. Em muitos ambientes, o potencial de entretenimento é sempre dirigido para apelar ao homem e não à mulher.

Aliado a isso, o discurso vigente relativo à violência sexual em ARN é o que tem por base mitos de violação que tendem a culpabilizar a vítima pelos atos do agressor. Mitos que estão na base de expressões como “não se tivesse posto a jeito” ou “arrependeu-se”, que culpabilizam as vítimas e desvalorizam o papel dos agressores (Bohner et al. 2009).

Enquadramento Teórico

Ambientes Recreativos Noturnos

Os ambientes recreativos noturnos são uma importante componente da vivência urbana, asseguram estilos de vida e criam oportunidades de lazer hedonista altamente valorizadas, principalmente entre os/as mais jovens (Lomba et al. 2011). De acordo com a OMS, os estilos de vida estão relacionados com os valores, oportunidades, motivações, e temas variados associados aos aspetos sociais, culturais e económicos de uma comunidade (WHO, 2000).

Na adolescência, as atividades de pares adquirem um valor crucial, reforçando o lazer enquanto espaço e tempo central para o desenvolvimento humano, ontológico e filogénico (Bouso, 2010) assim como, para o processo de construção de identidade juvenil (Pais, 2010). O lazer associado aos ARN é visto como um fenómeno importante associado à garantia de bem-estar, saúde mental e integração social nas comunidades (Pressman et al., 2009) o que leva a uma valorização generalizada destes espaços principalmente entre os/as mais jovens (Lomba et al, 2011). Estudos na área da sociologia destacam a relevância destas atividades, não só promovem a socialização e proporcionam experiências hedonistas, como chegam a ultrapassar as próprias necessidades básicas de segurança, estima e autorrealização (Reckziegel, 2009). Estimulam o desenvolvimento, a aprendizagem, e o crescimento pessoal e coletivo.

O lazer noturno é para muitas pessoas, um contexto de transformação e libertação. Existe como um espaço-tempo que se distancia das responsabilidades diurnas, onde os padrões de comportamento e as normas mais formais são transgredidas, e onde a “capa” noturna concede maior discricção, cumplicidade e liberdade. A ela sucedem-se os desvios, os riscos, as infrações, e as mudanças “expectáveis” das normas de comportamento inerentes à busca de prazer, de emoção e excitação (Santos & Moreira, 2012). O uso de SPA é um bom exemplo, primeiramente associado a usos medicinais ou religiosos dispersou-se, não só para grupos sociais diversos, como para lugares e ocasiões diferentes, concentrando em si a motivação basicamente recreativa associada à procura de emoções e diversão (Lomba, 2006). Apesar dos riscos associados ao consumo de álcool e outras SPA as pessoas continuam a valorizar os seus efeitos, principalmente quando estes intervêm a nível da sua performance social/sexual (Beckman, L. J., &

Ackerman, K. T., 2002). Uma grande variedade de outras SPA (para além do álcool) foi introduzida e o seu uso crescentemente normalizado nestes contextos, reforçando o potencial hedonista e transformativo associado ao lazer noturno. Por exemplo, a cannabis, o ecstasy (MDMA) e a cocaína passaram a ser frequentemente usadas em conjunto com o álcool dando origem a novos padrões de consumo (policonsumo) que caracterizam os novos estilos de vida e os padrões de consumo de drogas contemporâneos (Ex. "Rave/Techno Culture") (Reynolds, 1999). O consumo de álcool e/ou outras SPA para fins de desinibição sexual não é algo recente. No entanto, a desinibição associada a estes consumos pode traduzir-se numa maior impulsividade que pode aumentar a propensão de um agressor para perpetrar agressões sexuais, podendo resultar também no agravamento dos processos de vulnerabilização social das suas vítimas (Beynon et al., 2008).

Masculinidade Hegemónica

Connell (2005) define a masculinidade hegemónica como uma configuração de género socialmente construída a partir das normas culturais presentes no sistema patriarcal. Estas normas assentam em ideais que tendem a reforçar atributos de masculinidade baseados no domínio do homem sobre a mulher (Connell 2005). O conceito de hegemonia masculina remete para uma postura avaliativa e de controlo da mulher e da sua feminilidade, e para uma postura crítica face a diferentes formas de expressão da masculinidade no homem (Messerschmidt, 2018) pois assenta num conjunto de padrões normativos que moldam e regulam o pensamento individual e coletivo sobre o que significa ser-se homem (Connell, 2005). É uma noção determinista que penaliza todas as formas de sexualidade que não obedecem aos seus padrões de heteronormatividade (Haywood et al. 2017).

Uma vez que a construção do género deriva do contraste das desigualdades de poder social entre homens e mulheres, a masculinidade hegemónica é desenvolvida como oposta à feminilidade. O feminino surge assim como alteridade, reforçando o masculino como neutro e superior. O mesmo acontece em relação às formas de masculinidade não-hegemónica (subalternas) reconhecidas como inferiores ou desviantes dos padrões normativos do ideal hegemónico (Messerschmidt, 2018). Por exemplo, nas sociedades ocidentais a norma é a heterossexualidade, o que exclui e discrimina outras sexualidades pela quebra do padrão hegemónico.

Um dos aspetos mais relevantes para este estudo é a forma como o modelo hegemónico compreende a sexualidade e o comportamento sexual. Este promove a representação do homem como sexualmente ativo, centrado na procura de múltiplas experiências sexuais e orientado para a procura de prazer, enquanto projeta na mulher a valorização da intimidade e os relacionamentos emocionais, que seriam considerados “demasiado femininos” para o homem (Kimmel et al., 2004). Posto isto, os homens são pressionados a ter múltiplos relacionamentos sexuais para legitimar a sua masculinidade, e são forçados pelos pares a adotar uma postura sexual dominante (Gladue, 1995). Esta postura sexualmente ativa, competitiva e demasiadas vezes agressiva do homem, é talvez um dos fatores que mais peso têm no desenvolvimento de estereótipos de género associados à sexualidade masculina e, contribui para excluir homens que não aderem a estes padrões (Connell 1995). Esta noção é confirmada por diversos estudos. O estudo de Fleming e Davis (2018) por exemplo, demonstra que os homens sem experiência em encontros sexuais têm como consequência a perda de estatuto dentro de um grupo social masculino. À luz das normas de masculinidade hegemónica esta inexperiência é encarada como uma falha e é penalizada por interferir com a idealização da sexualidade masculina. Para além disso, as dinâmicas de sexualidade ativa e a participação precoce em encontros sexuais é considerada como um “ritual de transição” para a construção da sua identidade de imagem pública de “homem”. Também o estudo de Duckworth e Trautner (2019), demonstra a forma como os jovens são pressionados pelos seus pares e pela família para serem sexualmente ativos, mas acima de tudo heteronormativos. Existe pressão social para que o homem que aproveite qualquer oportunidade sexual, e uma recusa pode ser encarada como um comportamento “não masculino” (Stern et al., 2015). Por esse motivo, pode-se considerar que a sexualidade masculina se manifesta não apenas com base no desejo sexual, mas também pela necessidade de cumprir determinadas expectativas sociais e guiões de género associados à identidade que pretende reforçar ou demonstrar. A construção social da sexualidade masculina à luz das normas patriarcais, estão na base da desvalorização social da violência sexual contra a mulher. Num contexto em que o homem tem de ser sexualmente ativo mesmo que isso implique ser agressivo, qualquer oportunidade para interações sexualizadas é “aproveitada” enquanto performance e afirmação da sua identidade masculina junto do seu grupo de pares. Neste contexto, onde a regra é o prazer e a performance da sexualidade masculina, o corpo feminino tende a ser despersonalizado enquanto corpo de desejo, mesmo na ausência de consentimento e da manifestação explícita de rejeição

O estudo de Grave et al., (2020) identifica também a existência de hierarquias sexuais associadas às noções de masculinidade do homem. Elas surgem na sua análise através de duas dimensões: 1) pela objetificação e subordinação da mulher (Fredrickson & Roberts, 1997) e 2) pela bipolarização das práticas sexuais operacionalizadas como as performances “*Top*” e “*Bottom*” (termos usados em estudos relativos à homossexualidade (Moskowitz et al., 2008). Neste sentido, os “*top*” seriam associados à hegemonia masculina, pois reúnem características como a confiança, a força física e a dominância, por outras palavras, são associadas a homens “mais masculinos”. Os “*bottom*” seriam caracterizados como posturas mais passivas, submissas e fracas, por outras palavras, percebidos como homens “mais femininos” (Moskowitz et al., 2008). Desta forma, o “*top*” corresponderia ao homem, enquanto o “*bottom*” à mulher, com o “*top*” em controlo e com poder sobre o dominado e submetido “*bottom*”.

No que diz respeito à dimensão de subordinação, esta tem grandes implicações na forma como é idealizado o papel da mulher a partir das lentes do patriarcado. Socialmente espera-se que a mulher seja passiva, sendo o seu acesso a prazer sexual determinado pelo poder e capacidades sexuais do homem (Grave et al., 2020). Do homem, espera-se que seja conhecedor e sexualmente experiente, pois isso vai lhe garantir uma posição de poder assente na crença de que o prazer feminino resulta diretamente da performance sexual masculina (Lamb et al., 2018 citado por Grave et al. 2020). No entanto, o mesmo tipo de sexualidade ativa não é esperado da mulher, considerando-se que este vai contra a idealização da mulher enquanto agente sexualmente passivo e recetivo. É devido a esta dualidade de critérios, ou padrões duplos de género, que a mulher sexualmente ativa é socialmente denegrada e penalizada, sendo vista como “promíscua” ou sexualmente disponível e um potencial alvo dos avanços sexuais masculinos (Prohaska & Gailey , 2010). De uma forma geral, sendo a sexualidade ativa e constante um dos principais atributos da virilidade e da identidade masculina à luz das normas de género hegemónicas, muitos homens que aderem a estas normas procuram cumprir este guião perpetrando violência sexualizada de menor ou maior intensidade (Connell 1995, 1987).

Hipermasculinidade

A hipermasculinidade é compreendida como a ampliação de comportamentos e masculinos estereotipados. É um constructo psicológico e/ou social que representa a prática exagerada de comportamentos de padrão masculino (Shafer e. al. 2018). Embora possa ser atribuído a um conjunto de diferentes características, é frequentemente associado ao machismo latino expresso pela rebeldia, dureza e estoicismo (Torres et al. 2002). No contexto dos estudos de género é frequentemente usado como um termo pejorativo que analisa os atributos hipermasculinos através de um espectro. Numa das extremidades estaria o reforço do domínio e da agressão masculina, na outra, a valorização do homem forte e protetor dos outros. O termo hipermasculinidade surgiu na criminologia como forma de categorizar o comportamento masculino nos estudos relativos aos padrões de violência e agressão do homem. Mosher e Skirkin (1984) definem-na como correspondente a 3 atributos centrais: 1) uma postura sexual insensível perante as mulheres; 2) a crença de que o uso de violência é viril; e 3) a noção de que o envolvimento em comportamentos de risco é emocionante e másculo.

A hipermasculinidade realça a conquista heterossexual e a subjugação de mulheres como um aspeto crucial da performance masculina tradicional (Grazian, 2007). Implica comportamentos físicos e sexuais coercivos, e níveis reduzidos de empatia e tolerância à frustração. Por exemplo, dentro do domínio da área da psicologia, os homens hipermasculinos são representados como intolerantes a características que atribuem à feminilidade e tendem a estar envolvidos em relacionamentos desafiantes devido à sua perspectiva de supremacia masculina. Assim sendo, não é surpreendente serem caracterizados como geralmente infelizes e que estejam sobrerrepresentados nas taxas de divórcio, violência, uso de substâncias e morte (Hickey, 2016).

No estudo de Norris et al. (1999) foi possível reconhecer que quanto maior for a adesão às normas hipermasculinidade menor é a propensão do homem a sentir empatia por uma mulher em situação de violência. Isto pode dever-se em parte à racionalização que é dada aos seus comportamentos agressivos ao aderir a crenças menos progressistas sobre o papel da mulher e à forma de como esta expõe o seu consentimento sexual. Por exemplo, uma das crenças base do homem hipermasculino é o facto de acreditar que a mulher quer ser dominada pelo homem, e que é por isso que adota posturas mais submissas (resistência simbólica) (Vechiu, 2019). A resistência simbólica, é a crença heteronormativa de que a mulher quando rejeita um avanço sexual, na verdade, não o quer fazer, está simplesmente

a “fazer-se de difícil” e a solicitar que o homem a conquiste e lute pelo seu consentimento (Shafer e. al. 2018). Esta é uma interpretação distorcida que deriva de representações hegemónicas derivadas de processo de socialização de género. Nas culturas hipermasculinas, o homem tende a interpretar esta resistência como um desafio, ou um processo que tem de superar para poder incorrer em algum tipo de interação sexual (Beres, 2010) logo, é para ele comum adotar uma atitude coerciva e insistente num contacto sexual até obter uma resposta percebida como positiva, mesmo que esta seja dada de forma relutante ou que seja por ele projetada. O homem que adere a este tipo de crenças sexistas tende a projetar na mulher a culpa das suas experiências de vitimização, pois racionaliza que a mulher quer envolver-se numa atividade sexual independentemente de ter expressado ou não o seu consentimento de forma clara e voluntária (Ryan, K. M., 2011).

Todos estes aspetos (hipermasculinidade, crenças de resistência simbólica, e a adesão a mitos da violação) tendem a estar relacionados a condutas e comportamentos sexuais negativos. A assertividade sexual, por sua vez, tende a ser relacionada a atitudes e comportamentos sexuais mais positivos (Darden et al., 2019). A assertividade sexual difere da agressividade sexual que é associada à hipermasculinidade abordada anteriormente. Um estilo de comunicação agressivo traduz-se pela intenção de um indivíduo dar prioridade aos seus desejos e vontades enquanto desvaloriza ou viola os direitos dos/as outros/as para os satisfazer. Um estilo de comunicação assertivo é centrado na expressão dos desejos individuais de uma forma que tenha em consideração os direitos e vontades dos/as outros/as. Ser sexualmente assertivo/a inclui, portanto, uma comunicação aberta acerca de um relacionamento sexual, desejos, preferências e a vontade de se envolver num ato sexual, garantindo a ambas as partes a possibilidade de expressar um consentimento claro e voluntário. É um dos fatores protetores mais relevantes no combate à violência sexual (Darden et al., 2019).

Mitos da Violação em Ambientes Recreativos Noturnos

Os mitos da violação foram primeiramente definidos como sendo estereótipos ou crenças falsas sobre a violência sexual, sobre as suas vítimas e sobre os seus ofensores (Burt, 1980). São atitudes e conceções que, embora geralmente falsas, são amplamente generalizadas e sustentadas, e contribuem para negar e/ou justificar a violência sexual

masculina contra as mulheres (Lonsway & Fitzgerald,1994). Existem diversos exemplos de mitos de violação na literatura (Brownmiller, 1975; Bunting & Reeves, 1983; Burt, 1980; Dull & Giacomassi, 1987; Feild, 1978a; Gilmartin-Zena, 1987; Larsen & Long, 1988a; Schwendinger & Schwendinger, 1974; Ward, 1988; Warshaw, 1988). Um dos de mais comuns é o mito das falsas denúncias, a crença de que as mulheres mentem frequentemente sobre a violência sexual que alegam ter sofrido. Outro mito comum é a crença de que há um tipo de mulheres que são vítimas de violência sexual, assente no imaginário social de que apenas algumas mulheres são alvo de violência sexual, principalmente as mulheres caracterizadas como tendo “má reputação” pertencentes a grupos sociais com mais desvantagem económica e social. Existem ainda os mitos que fazem referência ao uso de SPA, como a crença de que as mulheres que usam substâncias se “puseram a jeito”, que as mulheres que consomem álcool de forma excessiva estão sexualmente mais disponíveis ou que os homens sobre o efeito de álcool ou outras SPA não se conseguem controlar (Observatório Noctambul@s, 2017). Neste caso, as crenças relacionadas com SPA interseccionam-se com as crenças específicas relacionadas com os papéis de género socialmente impostos (neste caso, a associação entre a masculinidade e consumo excessivo, e entre a feminilidade e contenção ou moderação). Esteves (1997) defende que a visibilidade/valorização social ao consumo de SPA acaba por penalizar mais as mulheres do que os homens. Em comparação aos homens utilizadores de álcool e outras SPA, as mulheres enfrentam níveis mais elevados de estigma e discriminação, cargas socioeconómicas maiores, recebem menos apoio social e encontram-se mais facilmente expostas à violência (Arpa, 2017).

Os ambientes recreativos noturnos, são percebidos como locais com maior potencial para a ocorrência de encontros sexuais. Nestes contextos, tradicionalmente dominados de homens e onde a participação feminina tende a ser sexualizada e encarada como reforço às experiências hedonistas masculinas, os homens podem sentir-se legitimados a protagonizar interações sexualizadas que noutra local (e.g. diurno ou mais formal) não teriam. Adicionalmente, existe a crença de que as mulheres que os frequentam estes ambientes estão sexualmente mais disponíveis e/ou acessíveis (Parks & Scheidt, 2000) o que pode ser usado para a exibição da sua masculinidade ou para desculpabilizar a agressividade sexual (Abbey, Zawacki, Buck, & Clinton, 2001). Como os ARN surgem como o contexto ideal ao envolvimento em dinâmicas de competição que caracterizam a masculinidade (Flood, M., 2008), é mais provável que os homens adotem

comportamentos estereotipados de formar a afirmar a sua sexualidade/masculinidade (Grazian, 2007). Deste modo, a difusão da agressividade sexual masculina nestes ambientes cria um clima hostil e artificial, com o potencial de manter constante a ameaça de violência sexual, o que demonstra que, apesar de haver uma maior aceitação social da participação das mulheres, estes continuam a ser contextos masculinos (Parks & Miller, 1997).

Ainda assim, é importante destacar que as dinâmicas de socialização e de desinibição sexual em ambientes recreativos noturnos, mesmo quando amplificadas pelo consumo de SPA (Farkas & Rosen, 1976) não explicam a prevalência de violência sexual nestes ambientes. É a adesão a normas de género hegemónicas aliadas às crenças sociais sobre ARN que explica as dinâmicas de assédio e violência sexualizada que emergem nestes contextos.

Relação entre Geração e Violência Sexual

As gerações estão interligadas por experiências, trajetórias de vida e valores comuns. Dentro da mesma geração existe uma tendência significativa de experiências e valores comuns que influenciam os processos de tomada de decisão. No entanto, indivíduos da mesma geração podem apresentar decisões e trajetórias distintas (Törőcsik, Szűcs, & Kehl, 2014). Deste modo, apesar de existirem diferenças e semelhanças numa geração, a análise geracional fornece um quadro que pode servir de base para compreender tendências em termos de valores e comportamentos dos membros de uma determinada geração (Törőcsik, Szűcs, & Kehl, 2014).

Segundo Howe e Strauss (2000) existem três fatores pelos quais pode ser definida uma geração, relacionados com as experiências de coorte: a autopercepção de pertença percebida dos seus membros face a um grupo social (1); o desenvolvimento de crenças e comportamentos comuns (2); e o posicionamento comum na história (3), isto é, os e eventos significativos que afetam uma determinada geração.

Este estudo pretende analisar diferenças geracionais no que diz respeito às vivências e crenças em relação à violência sexual. Com esse objetivo, a análise vai considerar uma comparação em função das gerações Z e Y (*millennials*). Neste sentido, nesta secção apresentamos as duas gerações em análise de forma a enquadrar os resultados desta investigação.

A geração Z é composta por indivíduos que nasceram entre o ano de 1995 e o ano 2012 (Gomez, Mawhinney, Betts, Sapp., Brown, & Santner, 2019). Esta geração é caracterizada pelas suas crenças tradicionais positivas, valorizando a importância da família, sentido de maior responsabilidade e regra, e uma maior adaptação à tecnologia e a múltiplas fontes de informação. Um dos aspetos que se destacam é a procura da aceitação pelos seus pares (Cruz, 2016), sentido de pertença e o efeito dos seus grupos de pertença social no seu autoconceito. A diversidade social e a pluralidade são aspetos essenciais para esta geração, o que a torna a geração mais “tolerante” e liberal em relação aos costumes tradicionais e estilos de vida comparativamente com as outras (Steinmetz, 2017). Esta tolerância estende-se para temas como a igualdade de género, sendo que os/as jovens da geração Z cresceram mais expostos/as a narrativas como a igualdade de direitos, o feminismo, a diversidade de género e orientação sexual e a antidiscriminação (Ipsos Mori, 2018). Os/as jovens da geração Z assistiram também à emergência e reivindicações de movimentos globais como *#everydaysexism* (Everydaysexism, 2012), *#heforshe* (HeForShe, 2019) e, mais recentemente, *#timesup* e *#metoo* (Hillstrom, 2018). De acordo com Owen (2017) estes/as jovens são mais sensíveis relativamente às desigualdades sociais e estão mais predispostos/as a batalhar pela mudança. São realistas e utilizam a tecnologia (e.g. “*clicktivism*”) para advogar pelas suas causas sociais e pela justiça e estão a ter um grande impacto na forma de fazer ativismo (Holtz, 2020).

O crescimento com estes valores de igualdade e antidiscriminação pode sugerir que a geração Z não adere da mesma forma às normas tradicionais de género, onde a noção de hegemonia/domínio masculino apresentada por Connel (1995) se encontra incluída. Como a (in)tolerância à violência sexual se relaciona com a adesão a estas crenças tradicionais de género (Abrams, Viki, Masser & Bohner, 2003) pode concluir-se que a construção de novas feminilidades e masculinidades e uma maior fluidez e aceitação da diversidade de género possa desmoralizar esta e outras formas de violência contra a mulher (Hunnicut, 2009).

De acordo com a literatura, a geração Y (*millennials*) é composta pelos indivíduos que nasceram entre o ano de 1980 e ano 2000 (Kane, 2010; Rainer & Rainer, 2011). Entre os 1980 e 2009 (Gibson, Greenwood, & Murphy, 2009) e entre 1982 e 2002 (Howe & Strauss, 2000). Para o propósito deste estudo, a geração dos *millennials* será composta definidos por indivíduos que nasceram entre o ano 1980 e o ano 1995. Contrastando com as gerações anteriores, os *millennials* tornaram-se a geração com maior nível de

escolaridade e com maior probabilidade de não se casar e/ou adiar o casamento (Frey & Tatum, 2016; Pew Research Center, 2014). Ao adotar esta posição, muitos *millennials* preferem envolver-se em relações sexuais descomprometidas, como o sexo casual mais ou menos frequente ou outros encontros sexuais que não incluem relacionamentos românticos ou qualquer ligação emocional. Alguns autores referem-se a este fenómeno como a “*date culture*” ou “a sociedade/geração do sexo casual” (Garcia, Reiber, Massey, & Merriwether, 2012, p. 163). Os comportamentos “de namoro” e os comportamentos sócio sexuais principalmente entre indivíduos heterossexuais dos 18 anos aos 24 anos parecem revelar esse favoritismo pelo “*hooking up*” (Kenney, Thadani, Ghaidarov, & LaBrie, 2013). Este termo, desenvolvido pelos *millennials*, retrata as atividades sexuais que vão desde os beijos e toques íntimos aos relacionamentos sexuais sem comprometimento social (Garcia et al., 2012). É um termo que, aparentemente, substituiu os comportamentos tradicionais de “namoro e acasalamento” (Currier, 2013, p. 708). Embora o “*hooking up*” seja uma expressão da flexibilidade heterossexual, apoiada em noções pós-feministas, é de igual modo, ponderado com vista ao privilégio masculino tradicional que “comanda” o desenvolvimento do relacionamento sexual (Reid et al., 2011, Kimmel, 2008.) Por outras palavras, acabar por cristalizar as relações de género por reproduzir os papéis sócio sexuais tradicionais onde as mulheres se apresentam como subalternas realçando a conquista heterossexual de mulheres como um aspeto crucial da performance masculina tradicional (Grazian, 2007; Kalish & Kimmel, 2011; England et al., 2007; Epstein, Calzo, Smiler, & Ward 2009; Heldman, 2010; Currier, 2013; Tolman, Striepe, & Harmon, 2003). Esta postura sócio sexual vem (re)afirmar o argumento de que, embora esta geração se assuma, e frequentemente interaja através de uma visão mais feminista e igualitária, na verdade, podem não ser muitos diferentes dos seus antecessores relativamente ao comportamento sócio sexual (Gibson et al., 2009). Alguns homens sentem até a necessidade de fabricar histórias apenas com o intuito de estabelecer uma ligação com os seus pares masculinos (Paul & Hayes, 2002). Em resumo, é uma interação que leva os homens a fortalecer a sua postura hétero-sexista (Currier, 2013) e contribui para promover o senso de domínio (social) tradicional masculino, que é um forte preditor da tolerância à violência sexual e promove o desenvolvimento de mitos de violação (Yamawaki, 2007; Canto et al., 2014) deixando, conseqüentemente, as mulheres com experiências negativas, incluindo a auto-objetificação, e outras dificuldades e problemas sociais (Heldman, 2010, Paul & Hayes, 2002).

Adicionalmente, outra questão que é amplamente destacada pela literatura é o aumento dos traços de personalidade narcisistas na geração Y (Twenge, 2013; Twenge & Foster, 2008; Twenge, Miller, & Campbell, 2014). O narcisismo é uma autopercepção positiva e exagerada (Morf & Rhodewalt, 2001). Caracteriza os indivíduos como mais orientados para a satisfação das suas necessidades, com expectativas mais irrealistas sobre o futuro, com comportamentos mais agressivos face à frustração onde valorizam menos os outros, a família e a comunidade (Campbell, Bush, Brunell, & Shelton, 2005; Kasser & Ryan, 1996; Morf & Rhodewalt, 2001). O narcisismo embora tenha benefícios para o próprio (Wallace & Baumeister, 2002) pode ter impacto negativo nos/as outros/as (Campbell, Hoffman, Campbell e Marchisio, 2011) principalmente se se aliar a valores “mais machistas” podendo constituir-se como fatores de risco à perpetração de violência sexual em ARN (Testa, 2004; Mouilso, Calhoun, & Rosenbloom, 2016).

Tendo em conta o descrito, este estudo pretende discutir o papel das masculinidades nas dinâmicas de violência sexual. Propõe-se a explorar crenças associadas às percepções de masculinidade em homens da geração Y e Z que frequentam ambientes recreativos noturnos, e analisar em que medida a adesão a normas de masculinidade hegemónica contribui para a prática de comportamentos de violência sexual, em menor ou maior intensidade. Uma vez reconhecida a relação entre a adesão a normas tradicionais de género e mitos de violação, é necessário compreender de que forma estas crenças se constituem como fatores preditores de violência sexual (Ryan, 2011). Assim sendo, através de uma abordagem quantitativa, este estudo propõe-se a dar o seu contributo para o conhecimento (ainda escasso) que relaciona o tema das masculinidades com a violência sexual, com o enfoque na sua ocorrência em ARN. Para o efeito, irá recorrer a dados específicos obtidos no questionário online aplicado como parte do Projeto Europeu Sexism Free Night relativo à interseção entre violência sexual, o consumo de SPA e a frequência de ARN. Este estudo pretende analisar: 1) de que forma é que a adesão a normas de masculinidade hegemónica se traduz em crenças estereotipadas sobre a participação de mulheres em dinâmicas de violência sexual nas gerações Y e Z; 2) Em que medida é que os homens das gerações Y e Z aderem a mitos de violação para explicar situações de violência sexual que acontecem em ARN?

Método

Desenho do Estudo

Este é um estudo quantitativo de carácter comparativo-descritivo que tem por base os dados obtidos em Portugal através de um questionário online implementado entre 25 de Novembro e 31 de Dezembro de 2020, no âmbito do projeto Sexism Free Night. Os resultados são assegurados através da estatística descritiva, que reúne um conjunto de medidas de tendência central e de dispersão que possibilitam a descrição de um grupo de dados (Martins, 2011) e, por meio da exploração das semelhanças e diferenças nas respostas dadas pelos/as participantes. Assim, será possível aceder aos princípios que contribuem para a variação de um determinado fenómeno ou aos padrões mais gerais de um fenómeno que possua um nível superior de abstração (Tilly, 1984). O método comparativo está ancorado no modelo das concordâncias e diferenças de Mill (apud Ragin, 1987). É por esta razão que a exploração entre as diferenças e semelhanças, seja para encontrar padrões ou indicadores de diversidade, é a essência desta metodologia. Neste sentido, este estudo foca-se numa comparação de género entre os participantes que se auto-identificaram como mulheres e homens e entre os/as respondentes da geração Y e Z.

Adicionalmente, recorrer à metodologia quantitativa possibilita o uso de estratégias formais de análise de comportamentos recorrentes. Através da aplicação de um questionário é possível analisar simultaneamente a perceção de vários indivíduos, sendo por isso, a pesquisa descritiva usada para atingir um entendimento mais amplo do que ocorre na contemporaneidade (Wallinga & Stangor, 2014). Acresce o facto de permitir retratar o estado atual de uma temática a ser estudada, acedendo a crenças, sentimentos e comportamentos num determinado período de tempo e espaço, possibilitando assim o desenvolvimento de discussões científicas e outras intervenções (Stangor, 2011).

*Este estudo obteve um parecer favorável pela Comissão de Ética para a Saúde da Universidade Católica Portuguesa (Parecer Favorável nº90).

Amostra

A amostra é composta pelos/as participantes que se identificaram como homem e como mulher (1) heterossexuais (2) que tenham nascido entre o ano de 1980 e 1995 (geração y – *millennials*) e entre o ano de 1995 e o ano 2002 (geração z) (3) ; e que frequentem ARN (mínimo de 6 vezes por ano) (4). Esta seleção da amostra levou à exclusão de outros participantes que não correspondiam aos critérios de inclusão identificados.

Deste modo, a amostra do presente estudo é constituída por 312 participantes dos quais 69 são homens (33 *millennials* e 36 geração Z) e 243 são mulheres (98 *millennials* e 145 geração Z). As idades variam entre os 19 e os 41 anos de idade com uma média de 26,9 anos e um desvio padrão de 6,3 anos. Foram selecionados/as apenas os/as participantes que tivessem como país de residência Portugal, de modo a salvaguardar a homogeneidade da amostra. O objetivo é estabelecer uma comparação ao nível nacional.

A respeito das habilitações literárias, a maioria dos/as participantes concluiu os estudos universitários no grau de licenciatura/bacharelato 42,6% ou mestrado 27,2% ou possui o ensino secundário 25%. Relativamente à localidade de residência, uma grande parte dos participantes residem em cidades de grande dimensão (60,6%) os restantes residem em cidades de média dimensão (25,6%) ou em vilas ou aldeias (13,8%). Quanto à ocupação principal, os/as estudantes são o grupo com maior representação na amostra (51,6 %) seguindo-se os/as indivíduos trabalhadores/as a tempo inteiro (32,1%), os/as trabalhadores independentes (9%) e os indivíduos em situação de desemprego (3,5%) ou trabalhar em part-time (2,6%). Quanto à frequência de saída para contextos de festa, 31,4% dos participantes revelam sair ocasionalmente (6-12 vezes por ano), 46,5% revelam sair frequentemente (mais de uma vez por mês) e 22,1% revelam sair com muita frequência (mais de uma vez por semana).

Instrumento

O instrumento utilizado foi um questionário online composto por 4 secções com questões abertas e fechadas. A primeira secção 1) é relativa à informação geral e ao perfil sociodemográfico do/a participante; a segunda secção 2) refere-se à frequência de ambientes recreativos noturnos e ao uso de substâncias psicoativas (SPA); a terceira secção 3) questiona sobre os meios de transporte usados na deslocação para ARN e sobre a perceção de segurança dos mesmos; a quarta secção 4) identifica crenças relativas à violência sexual em ARN, procura assim, ter acesso às perceções dos participantes sobre a violência sexual no seu sentido mais amplo; a secção cinco 5) foca-se nas experiências

relacionadas com violência sexual, vividas ou testemunhadas; e por último, a secção seis 6) foca-se no acesso a respostas de apoio formais (e.g policia, respostas de apoio a vitimas) ou informais (e.g. amigos, família).

O presente estudo, focou-se nos dados sociodemográficos, na percepção sobre violência sexual (“o item Concordas com as seguintes afirmações?” e o item “Na tua opinião, quais das seguintes situações são violência sexual?”, respondidos numa escala de likert de 1 – nunca é violência sexual a 5 – é sempre violência sexual) e a secção referente às experiências relacionadas com violência sexual (o item “Quais dos seguintes comportamentos praticaste em contextos de festa?” respondido numa escala de likert de 1 – diariamente a 5 – nunca).

Procedimento recolha de dados

O questionário online foi desenvolvido recorrendo à aplicação REDCap. Foi divulgado através da partilha do link nas redes sociais do projeto, da Universidade Católica Portuguesa, e de outros parceiros de disseminação. Foi também difundido através de *mailing lists* com parceiros estratégicos e através dos média após o envio de um *press release*. A data de aplicação do questionário decorreu de 26 de Novembro a 30 de Dezembro de 2021. Foram asseguradas as condições de anonimato e confidencialidade dos dados obtidos e foram apresentados os objetivos do estudo aos/às respetivos/as participantes.

O uso de questionários online como estratégia de recolha de dados é uma abordagem que tem vindo a ser, cada vez mais, do interesse da comunidade científica pois permite a recolha de dados de forma mais acessível e rápida (Ebert et al., 2018; Faleiros et al., 2016). Para além disso, é uma abordagem vantajosa no que diz respeito à participação de populações de difícil acesso devido à natureza dos comportamentos em estudo. Possibilita e facilita a recolha de dados sobre comportamentos estigmatizados e/ou outros que poderiam ser alvo de juízos de valor e, por isso, pôr em causa fiabilidade dos dados, como é o caso dos comportamentos relativos às atitudes sexuais (Erens et al., 2014). Os questionários online permitem também maior fiabilidade dos dados pois existe menor risco de as respostas serem influenciadas pelas dinâmicas de desejabilidade social devido ao anonimato e ao isolamento do participante, o aumento do número de participantes; e o processamento dos dados é mais fácil e ágil (Netquest, 2017).

Como estratégia de investigação, a utilização de *websurveys* parece demonstrar resultados bastante semelhantes aos estudos realizados em contexto de laboratório (Krantz & Dalal, 2000).

Com a aplicação do questionário online, o objetivo foi obter o maior número possível de respostas para uma boa compreensão dos comportamentos e dinâmicas de violência sexual em ARN.

Procedimento de Tratamento de Dados

Na análise de dados, foi utilizado o software IBM SPSS 25 onde foram realizadas análises descritivas de modo a descrever e caracterizar a amostra. Foram também realizadas análises descritivas e estatísticas das variáveis que remetem para comportamentos de violência sexual, assim como, para as perceções, crenças e experiências dos participantes relativas a violência sexual em ARN.

Foi utilizado o teste não paramétrico *Mann-Whitney* para cada variável medida numa escala de *likert* (exemplo: “Quais dos seguintes comportamentos praticaste em contextos de festa?” – Exemplo apresentado: “comentários sexuais indesejados” R.: – 1 = sempre, 2 = muitas vezes, 3 = às vezes 4 = raramente nunca, 5 = nunca) uma vez que as análises efetuadas neste estudo envolveram a comparação de variáveis qualitativas ordinais entre amostras independentes (McKnight & Najab, 2010).

De acordo com os objetivos do estudo, foi realizada uma descrição e comparação entre as respostas dadas pelos homens de duas gerações distintas (*millennials* e *Z*) e, posteriormente, comparadas também as respostas dadas entre homens e mulheres das respetivas gerações. Foram analisadas as respostas que possuíam diferenças estatisticamente significativas.

Resultados

Crenças relativas à Violência Sexual em Ambientes Recreativos Noturnos

Tabela 1

“Na tua opinião, quais das seguintes situações são violência sexual? - Resultados da Análise Estatística Para Homens (Comparação entre gerações) (Teste de Mann-Whitney U)

	Millennials (n=33)			Geração z (n=36)			U
	M	Me	SD	M	Me	SD	
Publicidade sexista que objectifica pessoas	3.44	3.50	1.11	3.03	3.00	1.29	450.50
Expressões artísticas (música, dança, teatro, etc.) que representa as pessoas como objetos sexuais	2.52	3.00	1.03	2.46	2.00	1.34	539.00
Partilhar online imagens, fotos, gifs sexualmente explícitos, sem consentimento	4.76	5.00	.61	4.75	5.00	.73	585.50
Receber por mensagem ou online conteúdos verbais ou gráficos insultuosos ou sexuais	4.39	5.00	.92	4.36	5.00	.93	545.50
Ser forçada/o a ver conteúdo pornográfico contra a sua vontade	4.91	5.00	.30	4.81	5.00	.58	561.50
Piadas sexistas com conteúdo sexual	3.66	4.00	1.0	3.42	3.50	1.27	525.00
Olhares sexualizados/erotizados, persistentes e indesejados	3.97	4.00	1.18	4.06	4.00	1.03	557.00
Comentários sexuais indesejados	4.48	5.00	.90	4.50	5.00	.81	593.50
Insistência face à recusa de outra pessoa	4.94	5.00	.24	4.93	5.00	.38	531.00
Invasão contínua do espaço privado/ pessoal	4.52	5.00	.67	4.47	5.00	.70	577.00

Toques não consentidos	4.76	5.00	.50	4.86	5.00	.40	548.00
Exibicionismo ou masturbação em espaço público	4.73	5.00	.57	4.92	5.00	.37	502.50*
Ser encurralada/o para fins sexuais (numa situação em que a pessoa é incapaz de fugir)	5.00	5.00	.00	5.00	5.00	.00	594.00
Sentir medo de violência sexual	4.29	5.00	.90	4.06	5.00	1.37	500.00
Apalpões ou toques insistentes	4.88	5.00	.33	4.86	5.00	.43	575.00
Violação sem força física	4.85	5.00	.51	4.92	5.00	.37	572.50
Violação com força física	5.00	5.00	.00	4.97	5.00	1.17	577.50

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

De acordo com os resultados obtidos da questão “Na tua opinião, quais das seguintes situações são violência sexual” verifica-se que existe um nível de concordância elevado com as afirmações para ambas as gerações em estudo. As médias obtidas das respostas dadas pelos/as participantes permitem concluir que, a maior parte das respostas estão tendencialmente inclinadas para a concordância. É uma questão que foi avaliada numa escala de *likert* em que o valor 1 corresponde a “nunca é violência sexual” e valor 5 corresponde a “é sempre violência sexual”.

Após realizado o teste *Mann-Whitney* podemos verificar que existem diferenças significativas quanto à perceção de violência sexual em ARN entre as gerações em estudo. Na tabela 1 é possível observar diferenças significativas para a afirmação “Exibicionismo ou masturbação em espaço público” entre os indivíduos da geração *millennials* com os indivíduos da geração Z ($U = 502.50$, $p = 0.030$).

Nas restantes variáveis, apesar de não se terem verificado diferenças estatisticamente significativas, podemos constatar através das médias obtidas, que a geração dos/das *millennials*, apresenta uma pontuação tendencialmente superior para as variáveis “Publicidade sexista que objetifica pessoas”; “Expressões artísticas (música, dança, teatro, etc.) que representa as pessoas como objetos sexuais”; “Ser forçada/o a ver conteúdo pornográfico contra a sua vontade”; “Piadas sexistas com conteúdo sexual”;

“Invasão contínua do espaço privado/ pessoal” e “Sentir medo de violência sexual”, comparativamente aos indivíduos da geração Z. Por outro lado, nas variáveis “Olhares sexualizados/ erotizados, persistentes e indesejados”, “Toques não consentidos”, e “Violação sem força física” os indivíduos da geração Z apresentam uma pontuação tendencialmente superior à dos/as *millennials*.

Tabela 2

“Na tua opinião, quais das seguintes situações são violência sexual? - Resultados da Análise Estatística Para Homens e Mulheres (Geração Millennials – Comparação entre Géneros) (Teste de Mann-Whitney U)

Millennials

	Mulheres (n=98)			Homens (n=33)			U
	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	
Publicidade sexista que objetifica pessoas	3.60	4.00	1.08	3.44	3.50	1.11	1396,500
Expressões artísticas (música, dança, teatro, etc.) que representa as pessoas como objetos sexuais	3.08	3.00	1.29	2.52	3.00	1.03	1149,00*
Partilhar online imagens, fotos, gifs sexualmente explícitos, sem consentimento	4.92	5.00	.31	4.76	5.00	.61	1437,50*
Receber por mensagem ou online conteúdos verbais ou gráficos insultuosos ou sexuais	4.78	5.00	.53	4.39	5.00	.92	1154,50**
Ser forçada/o a ver conteúdo pornográfico contra a sua vontade	4.97	5.00	.17	4.91	5.00	.30	1469,00
Piadas sexistas com conteúdo sexual	4.02	4.00	.83	3.66	4.00	1.0	1236,00*
Olhares sexualizados/ erotizados, persistentes e indesejados	4.50	5.00	.71	3.97	4.00	1.18	1218,00*
Comentários sexuais indesejados	4.69	5.00	.55	4.48	5.00	.90	1462,00

Insistência face à recusa de outra pessoa	4.91	5.00	.38	4.94	5.00	.24	1613,00
Invasão contínua do espaço privado/ pessoal	4.56	5.00	.66	4.52	5.00	.67	1503,50
Toques não consentidos	4.81	5.00	.49	4.76	5.00	.50	1528,00
Exibicionismo ou masturbação em espaço público	4.89	5.00	.40	4.73	5.00	.57	1395,50*
Ser encurralada/o para fins sexuais (numa situação em que a pessoa é incapaz de fugir)	4.98	5.00	.14	5.00	5.00	.00	1584,00
Sentir medo de violência sexual	4.38	5.00	.97	4.29	5.00	.90	1336,00
Apalpões ou toques insistentes	4.91	5.00	.29	4.88	5.00	.33	1569,50
Violação sem força física	4.98	5.00	.14	4.85	5.00	.51	1486,00*
Violação com força física	5.00	5.00	.00	5.00	5.00	.00	1617,00

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Numa segunda análise, quando estabelecida a comparação entre géneros para a geração *millennials*, verifica-se que as respostas estão tendencialmente inclinadas para concordância, de uma forma geral e para ambas as amostras em estudo. As médias obtidas das respostas dadas pelos/as participantes permitem concluir que o posicionamento de homens e mulheres quanto ao que se constitui como violência sexual em ARN é bastante homogéneo. Apresenta apenas uma ligeira tendência superior na amostra feminina, de uma forma global.

Após a execução do teste de *Mann-Whitney* podemos verificar que existem diferenças significativas nas respostas dadas entre géneros. Foi possível observar (tabela 2) que para as variáveis “Expressões artísticas (música, dança, teatro, etc.) que representa as pessoas como objetos sexuais” ($U = 1149.00$, $p = 0.025$); “Partilhar online imagens, fotos, gifs sexualmente explícitos, sem consentimento” ($U = 1437.50$, $p = 0.033$); “Receber por mensagem ou online conteúdos verbais ou gráficos insultuosos ou sexuais” ($U = 1154.50$, $p = 0.007$); Piadas sexistas com conteúdo sexual ($U = 1236.00$, $p = 0.029$); Olhares sexualizados/ erotizados, persistentes e indesejados ($U = 1218.00$, $p = 0.033$);

Exibicionismo ou masturbação em espaço público ($U = 1395.50$, $p = 0.048$); Violação sem força física ($U = 1486.00$, $p = 0.033$); os resultados obtidos diferem significativamente em função do género do respondente.

Tabela 3

“Na tua opinião, quais das seguintes situações são violência sexual? - Resultados da Análise Estatística Para Homens e Mulheres (Geração z – Comparação entre Géneros) (Teste de Mann-Whitney U)

Geração Z

	Mulheres (n=145)			Homens (n=36)			U
	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	
Publicidade sexista que objetifica pessoas	3.59	4.00	1.24	3.03	3.00	1.29	1839,50*
Expressões artísticas (música, dança, teatro, etc.) que representa as pessoas como objetos sexuais	3.02	3.00	1.33	2.46	2.00	1.34	1847,00*
Partilhar online imagens, fotos, gifs sexualmente explícitos, sem consentimento	4.86	5.00	.51	4.75	5.00	.73	2382,50
Receber por mensagem ou online conteúdos verbais ou gráficos insultuosos ou sexuais	4.69	5.00	.62	4.36	5.00	.93	2058,50*
Ser forçada/o a ver conteúdo pornográfico contra a sua vontade	4.92	5.00	.32	4.81	5.00	.58	2456,50
Piadas sexistas com conteúdo sexual	3.91	4.00	1.07	3.42	3.50	1.27	2035,50*
Olhares sexualizados/ erotizados, persistentes e indesejados	4.64	5.00	.66	4.06	4.00	1.03	1662,50***
Comentários sexuais indesejados	4.74	5.00	.55	4.50	5.00	.81	2240,50*
Insistência face à recusa de outra pessoa	4.92	5.00	.36	4.93	5.00	.38	2310,00*

Invasão contínua do espaço privado/ pessoal	4.52	5.00	.65	4.47	5.00	.70	2506,50
Toques não consentidos	4.91	5.00	.31	4.86	5.00	.40	2450,50
Exibicionismo ou masturbação em espaço público	4.91	5.00	.35	4.92	5.00	.37	2539,00
Ser encurralada/o para fins sexuais (numa situação em que a pessoa é incapaz de fugir)	5.00	5.00	.00	5.00	5.00	.00	2592,00
Sentir medo de violência sexual	4.22	5.00	.99	4.06	5.00	1.37	2219,00
Apalpões ou toques insistentes	4.91	5.00	.32	4.86	5.00	.43	2438,00
Violação sem força física	4.98	5.00	.19	4.92	5.00	.37	2484,00
Violação com força física	5.00	5.00	.00	4.97	5.00	1.17	2520,00*

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Na comparação estabelecida entre géneros, agora realizada para a geração Z, foi possível constatar que para as variáveis “Publicidade sexista que objetifica pessoas” ($U = 1839.50$, $p = 0.023$); “Expressões artísticas (música, dança, teatro, etc.) que representa as pessoas como objetos sexuais ($U = 1149.00$, $p = 0.034$); “Receber por mensagem ou online conteúdos verbais ou gráficos insultuosos ou sexuais” ($U = 2058.50$, $p = 0.020$); “Piadas sexistas com conteúdo sexual” ($U = 2035.00$, $p = 0.033$); “Olhares sexualizados/erotizados, persistentes e indesejados” ($U = 1662.50$, $p = 0.000$); “Violação com força física” ($U = 2520.00$, $p = 0.046$), existem diferenças significativas entre os géneros em estudo.

Verifica-se ainda, através das médias obtidas, que as respostas estão tendencialmente inclinadas para concordância para ambos os grupos em estudo. No entanto, esta é superior para a amostra feminina, de uma forma global.

Posicionamento face a mitos da violação

Tabela 4

“Concordas com as seguintes afirmações?” - Resultados da Análise Estatística para Homens (Comparação entre gerações) (Teste de Mann-Whitney U)

	Millennials (n=33)			Geração z (n=36)			U
	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	
Os agressores de violência sexual têm problemas mentais	3.41	4.00	1.46	3.42	3.00	1.27	566.00
A violência sexual em contextos de festa é rara	1.97	2.00	1.00	1.72	1.50	.94	485.00
Hoje em dia, as pessoas são mais machistas do que antes	2.22	2.00	.98	2.06	2.00	.84	523.00
As mulheres podem sair à noite nas ruas com a mesma liberdade que os homens	2.15	2.00	1.40	2.14	2.00	1.33	567.00
São os homens que devem ter a iniciativa de flertar/ seduzir as mulheres	1.36	2.00	.70	1.50	1.00	.81	542.00
As mulheres gostam de receber comentários sobre a sua aparência física quando estão a caminhar pela rua	1.65	1.00	.80	1.61	1.00	.80	539.50
A violência sexual é principalmente perpetrada por homens desconhecidos	2.97	3.00	.98	3.50	4.00	1.38	418.50*
A violência sexual é também exercida sobre homens sendo comparável à violência sendo comparável à violência sexual que é exercida sobre mulheres	2.91	2.00	1.53	3.11	3.00	1.26	527.00
Algumas culturas/ etnicidades promovem mais agressões sexuais sobre mulheres/ LGBTQI+ do que outras	3.72	4.00	1.07	3.65	4.00	1.38	439.50

Os homens que cometem agressões sexuais não se conseguem controlar	1.81	2.00	.90	2.19	2.00	1.06	461.00
O uso de álcool ou outras drogas é uma das principais causas da violência sexual	2.56	2.00	1.20	2.69	3.00	1.16	524.50
A maioria das violações são premeditadas uma vez que o violador planeia usar droga sem o conhecimento nem consentimento da vítima	3.04	3.00	1.04	3.09	3.00	1.03	447.50
A maioria das violações são oportunistas porque o violador submete a vítima depois de ela usar drogas VOLUNTARIAMENTE	3.19	3.00	.98	3.36	3.00	.60	375.00
As mulheres devem evitar perder o controlo sobre o seu consumo de drogas quando saem porque podem ser agredidas sexualmente	2.40	2.00	1.48	2.69	2.00	1.59	469.00
Os homens devem evitar perder o controlo com drogas quando saem porque eles podem cometer agressões sexuais	2.27	2.00	1.39	2.63	3.00	1.46	449.00

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

De acordo com os resultados obtidos da questão “Concordas com as seguintes afirmações?” verifica-se que as respostas dadas estão tendencialmente inclinadas para a discordância ou neutralidade. É uma questão que foi avaliada numa escala de *likert* em que o valor 1 corresponde a “discordo totalmente” e o valor 5 corresponde a “concordo totalmente”. Existem assim, níveis de concordância maiores e menores para as diferentes afirmações.

Após a execução do teste de *Mann-Whitney*, podemos verificar que existem diferenças significativas para as gerações em estudo apenas para uma das variáveis/afirmações. “A

violência sexual é principalmente perpetrada por homens desconhecidos” (U = 418.50, p = 0.036).

Nas restantes variáveis, apesar de não se terem identificado diferenças estatisticamente significativas, podemos constatar através das médias obtidas, que a geração dos/as *millennials* apresenta uma pontuação tendencialmente superior para as variáveis “A violência sexual em contextos de festa é rara”, “Hoje em dia, as pessoas são mais machistas do que antes” e “Algumas culturas/ etnicidades promovem mais agressões sexuais sobre mulheres/ LGBTQI+ do que outras” comparativamente à geração Z, enquanto que, nas variáveis “ São os homens que devem ter a iniciativa de flertar/ seduzir as mulheres”; “A violência sexual é também exercida sobre homens sendo comparável à violência sendo comparável à violência sexual que é exercida sobre mulheres”; “Os homens que cometem agressões sexuais não se conseguem controlar”; “O uso de álcool ou outras drogas é uma das principais causas da violência sexual”; “A maioria das violações são oportunistas porque o violador submete a vítima depois de ela usar drogas VOLUNTARIAMENTE”; “As mulheres devem evitar perder o controlo sobre o seu consumo de drogas quando saem porque podem ser agredidas sexualmente” e “Os homens devem evitar perder o controlo com drogas quando saem porque eles podem cometer agressões sexuais” os indivíduos da geração Z apresentam uma pontuação tendencialmente superior à dos *millennials*.

Tabela 5

“Concordas com as seguintes afirmações?” - Resultados da Análise Estatística para Homens e Mulheres (Geração Millennials - Comparação entre Géneros) (Teste de Mann-Whitney U)

Millennials

	Mulheres (n=98)			Homens (n=33)			U
	M	Me	SD	M	Me	SD	
Os agressores de violência sexual têm problemas mentais	3.34	3.00	1.31	3.41	4.00	1.46	1449,00
A violência sexual em contextos de festa é rara	1.41	1.00	.64	1.97	2.00	1.00	1044,00**

Hoje em dia, as pessoas são mais machistas do que antes	2.38	3.00	.90	2.22	2.00	.98	1343,50
As mulheres podem sair à noite nas ruas com a mesma liberdade que os homens	1.97	1.00	1.30	2.15	2.00	1.40	1488,50
São os homens que devem ter a iniciativa de flertar/ seduzir as mulheres	1.27	1.00	.78	1.36	2.00	.70	1468,50
As mulheres gostam de receber comentários sobre a sua aparência física quando estão a caminhar pela rua	1.20	1.00	.50	1.65	1.00	.80	1029,50***
A violência sexual é principalmente perpetrada por homens desconhecidos	2.46	2.00	1.29	2.97	3.00	.98	1107,00*
A violência sexual é também exercida sobre homens sendo comparável à violência sexual que é exercida sobre a mulher	2.81	3.00	1.40	2.91	2.00	1.53	1555,50
Algumas culturas/ etnicidades promovem mais agressões sexuais sobre mulheres/ LGBTQI+ do que outras	3.84	4.00	1.33	3.72	4.00	1.07	1203,50
Os homens que cometem agressões sexuais não se conseguem controlar	1.85	1.00	1.16	1.81	2.00	.90	1481,50
O uso de álcool ou outras drogas é uma das principais causas da violência sexual	2.30	2.00	1.03	2.56	2.00	1.20	1363,00
A maioria das violações são premeditadas uma vez que o violador planeia usar droga sem o conhecimento nem consentimento da vítima	2.71	3.00	1.06	3.04	3.00	1.04	1040,50
A maioria das violações são oportunistas porque o violador submete a vítima depois de ela usar drogas VOLUNTARIAMENTE	2.73	3.00	1.19	3.19	3.00	.98	902,00*

As mulheres devem evitar perder o controle sobre o seu consumo de drogas quando saem porque podem ser agredidas sexualmente	2.07	2.00	1.29	2.40	2.00	1.48	1257,00
Os homens devem evitar perder o controle com drogas quando saem porque eles podem cometer agressões sexuais	2.10	2.00	1.29	2.27	2.00	1.39	1327,00

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Na comparação estabelecida entre géneros para geração *millennials*, à semelhança da análise anterior, verifica-se através das médias obtidas das respostas dos/as participantes, que as respostas dadas estão tendencialmente inclinadas para a discordância e/ou neutralidade, existindo assim, níveis de concordância maiores e menores para as diferentes afirmações. A questão foi avaliada numa escala de *likert* em que o valor um corresponde a “discordo totalmente” e o valor cinco corresponde a “concordo totalmente”.

Após a realização do teste de *Mann-Whitney* constatou-se que para as variáveis “A violência sexual em contextos de festa é rara” ($U = 1044,00$, $p = 0.001$); “As mulheres gostam de receber comentários sobre a sua aparência física quando estão a caminhar pela rua” ($U = 1029.50$, $p = 0.000$); “A violência sexual é principalmente perpetrada por homens desconhecidos”($U = 1107.00$ $p = 0.023$); “A maioria das violações são oportunistas porque o violador submete a vítima depois de ela usar drogas VOLUNTARIAMENTE” ($U = 902.00$ $p = 0.033$) existem diferenças significativas entre géneros.

Para as restantes variáveis analisadas, apesar de não se terem encontrado diferenças estatisticamente significativas, podemos constatar através das médias, que a amostra de mulheres apresenta uma pontuação tendencialmente superior para as variáveis “Hoje em dia, as pessoas são mais machistas do que antes”, “Algumas culturas/ etnicidades promovem mais agressões sexuais sobre mulheres/ LGBTQI+ do que outras” e “Os homens que cometem agressões sexuais não se conseguem controlar” quando comparados com a amostra de homens .

Tabela 6

“Concordas com as seguintes afirmações?” - Resultados da Análise Estatística para Homens e Mulheres (Geração z - Comparação entre Gêneros) (Teste de Mann-Whitney U)

Geração z

	Mulheres (n=145)			Homens (n= 36)			U
	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	
Os agressores de violência sexual têm problemas mentais	3.69	4.00	1.25	3.42	3.00	1.27	2276,50
A violência sexual em contextos de festa é rara	1.28	1.00	.67	1.72	1.50	.94	1821,00***
Hoje em dia, as pessoas são mais machistas do que antes	2.36	2.50	.83	2.06	2.00	.84	1992,50*
As mulheres podem sair à noite nas ruas com a mesma liberdade que os homens	1.88	1.00	1.46	2.14	2.00	1.33	2024,50*
São os homens que devem ter a iniciativa de flertar/ seduzir as mulheres	1.42	1.00	.85	1.50	1.00	.81	2384,00
As mulheres gostam de receber comentários sobre a sua aparência física quando estão a caminhar pela rua	1.29	1.00	.62	1.61	1.00	.80	2008,00**
A violência sexual é principalmente perpetrada por homens desconhecidos	3.34	3.00	1.27	3.50	4.00	1.38	2363,50
A violência sexual é também exercida sobre homens sendo comparável à violência sexual que é exercida sobre a mulher	3.01	3.00	1.38	3.11	3.00	1.26	2373,00
Algumas culturas/ etnicidades promovem mais agressões sexuais sobre mulheres/ LGBTQI+ do que outras	4.26	5.00	1.02	3.65	4.00	1.38	1547,50*

Os homens que cometem agressões sexuais não se conseguem controlar	2.27	2.00	1.43	2.19	2.00	1.06	2400,50
O uso de álcool ou outras drogas é uma das principais causas da violência sexual	2.61	2.00	1.25	2.69	3.00	1.16	2338,00
A maioria das violações são premeditadas uma vez que o violador planeia usar droga sem o conhecimento nem consentimento da vítima	3.27	3.00	1.06	3.09	3.00	1.03	1895,00
A maioria das violações são oportunistas porque o violador submete a vítima depois de ela usar drogas VOLUNTARIAMENTE	3.12	3.00	1.15	3.36	3.00	.60	1957,00
As mulheres devem evitar perder o controlo sobre o seu consumo de drogas quando saem porque podem ser agredidas sexualmente	2.20	2.00	1.35	2.69	2.00	1.59	2051,00*
Os homens devem evitar perder o controlo com drogas quando saem porque eles podem cometer agressões sexuais	2.47	2.00	1.47	2.63	3.00	1.46	2196,50

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Na comparação realizada entre géneros (geração Z) foi possível verificar a existência de várias diferenças significativamente estatísticas entre os géneros, nomeadamente para as variáveis: “A violência sexual em contextos de festa é rara” ($U = 1821.00$, $p = 0.000$); “As mulheres podem sair à noite nas ruas com a mesma liberdade que os homens” ($U = 2024.50$, $p = 0.034$); “As mulheres gostam de receber comentários sobre a sua aparência física quando estão a caminhar pela rua” ($U = 2008.00$, $p = 0.007$); “As mulheres devem evitar perder o controlo sobre o seu consumo de drogas quando saem porque podem ser agredidas sexualmente” ($U = 2196.50$, $p = 0.042$); “Hoje em dia, as pessoas são mais machistas do que antes” ($U = 1992.50$, $p = 0.033$); e “Algumas culturas/ etnicidades promovem mais agressões sexuais sobre mulheres/ LGBTQI+ do que outras” ($U = 1547.50$, $p = 0.019$). Verifica-se também, que as respostas dadas estão tendencialmente inclinadas para a discordância e/ou neutralidade, existindo assim, níveis de concordância

maiores e menores para as diferentes afirmações. A questão foi avaliada numa escala de *likert* em que o valor um corresponde a “discordo totalmente” e o valor cinco corresponde a “concordo totalmente”.

Nas restantes variáveis analisadas, apesar de não se terem encontrado diferenças estatisticamente significativas, podemos observar que, a amostra de homens apresenta uma pontuação tendencialmente superior para todas as afirmações desta questão, com a exceção de três variáveis/afirmações onde a pontuação é tendencialmente superior para a amostra feminina. As variáveis são: “Os agressores de violência sexual têm problemas mentais”; “Os homens que cometem agressões sexuais não se conseguem controlar”; “A maioria das violações são premeditadas uma vez que o violador planeia usar droga sem o conhecimento nem consentimento da vítima”.

Comportamentos Praticados em Contexto de Festa

Tabela 7

“Quais dos Seguintes Comportamentos Praticaste em Contextos de Festa?” – Resultados da Análise Estatística para Homens (Comparação entre Gerações) (Teste de Mann-Whitney U)

	Millennials (n=33)			Geração z (n= 36)			U
	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	
Piadas sexistas com conteúdo sexual	2.00	2.00	.61	2.08	2.00	.60	551.00
Olhares sexualizados/erotizados, persistentes e indesejados	2.06	2.00	.56	2.03	2.00	.74	569.00
Comentários sexuais indesejados	2.15	2.00	.56	2.39	2.00	.73	475.00
Conteúdos verbais ou gráficos de teor sexual online	2.74	3.00	.81	2.78	3.00	.96	541.50
Insistência face à recusa de outra pessoa	2.58	3.00	.79	2.81	3.00	.79	512.50

Invasão contínua do espaço privado/ pessoal	2.36	2.00	.7	2.67	2.00	.93	501.50
Toques não consentidos	2.30	2.00	.69	2.56	3.00	.81	488.00
Exibicionismo ou masturbação em espaço público	3.64	4.00	.49	3.69	4.00	.47	559.50
Ser encurralada/o para fins sexuais (numa situação em que a pessoa é incapaz de fugir)	3.88	4.00	.42	3.74	4.00	.51	487.00
Sentir medo de violência sexual	3.31	3.50	.82	3.22	3.50	.9	551.00
Apalpões ou toques insistentes	2.52	3.00	.71	2.81	3.00	1.01	496.00
Violação sem força física*	3.83	4.00	.47	3.96	4.00	.42	528.00
Violação com força física	3.97	4.00	.18	3.86	4.00	.42	497.50
Outros	4.00	4.00	.0	4.00	4.00	.0	127.50

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Relativamente aos comportamentos praticados em contexto de festa, de acordo com os dados obtidos da questão “Quais dos seguintes comportamentos praticaste em contexto de festa?” verifica-se através das médias obtidas das respostas dos participantes, que as respostas dadas situam-se em quase todos os valores da escala (concordância – neutralidade – discordância). É uma questão que foi avaliada numa escala de *likert* de cinco pontos em que: 1 = “diariamente”, 2 = “semanalmente”, 3 = “mensalmente”, 4 = pelo menos 1 vez, 5 = “nunca”. Deste modo, existem níveis de frequência maiores e menores para as diferentes afirmações.

Nesta análise não foram identificadas diferenças significativamente estatísticas entre as gerações em estudo. No entanto, ao recorrer às médias obtidas, podemos constatar que os indivíduos que constituem a geração dos *millennials* apresentam uma pontuação

tendencialmente superior para as variáveis “Ser encurralada/o para fins sexuais (numa situação em que a pessoa é incapaz de fugir)”, “Sentir medo de violência sexual” e “Violação com força física” comparativamente aos indivíduos que constituem a amostra da geração Z. Por outro lado, nas variáveis “Piadas sexistas com conteúdo sexual”; “Comentários sexuais indesejados”; “Insistência face à recusa de outra pessoa”; “Invasão contínua do espaço privado/ pessoal”; “Toques não consentidos”; “Apalpões ou toques insistentes” e “Violação sem força física*” os indivíduos que constituem a amostra da geração Z apresentam uma pontuação tendencialmente superior.

Tabela 8

“Quais dos Seguintes Comportamentos Praticaste em Contextos de Festa?” – Resultados da Análise Estatística para Homens e Mulheres (Geração Millennials - Comparação entre Géneros) (Teste de Mann-Whitney U)

Millennials

	Mulheres (n=98)			Homens (n=33)			U
	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	
Piadas sexistas com conteúdo sexual	3.64	4.00	.58	3.39	3.00	.61	1245,00*
Olhares sexualizados/ erotizados, persistentes e indesejados	3.72	4.00	.53	3.52	4.00	.62	1315,50*
Comentários sexuais indesejados	3.89	4.00	.32	3.73	4.00	.45	1357,50*
Conteúdos verbais ou gráficos de teor sexual online	3.97	4.00	.23	3.82	4.00	.39	1375,50**
Insistência face à recusa de outra pessoa	3.92	4.00	.28	3.85	4.00	.44	1549,00
Invasão contínua do espaço privado/ pessoal	3.93	4.00	.26	3.85	4.00	.36	1487,50
Toques não consentidos	3.88	4.00	.36	3.79	4.00	.49	1454,50
Exibicionismo ou masturbação em espaço público	4.00	4.00	.00	4.03	4.00	.17	1568,00*

Ser encurralada/o para fins sexuais (numa situação em que a pessoa é incapaz de	3.99	4.00	.10	4.00	4.00	.00	1600,50
Sentir medo de violência sexual	3.94	4.00	.47	3.82	4.00	.64	1506,00
Apalpões ou toques insistentes	3.94	4.00	.35	3.88	4.00	.42	1536,00
Violação sem força física*	3.99	4.00	.10	4.00	4.00	.00	1600,50
Violação com força física	3.99	4.00	.10	4.99	4.00	.00	1600,50

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Na comparação estabelecida para os géneros (geração *millennials*), foi possível constatar que para as variáveis “Piadas sexistas com conteúdo sexual”(U = 1245.00, $p = 0.020$) ; “Olhares sexualizados/ erotizados, persistentes e indesejados” (U = 1315.50, $p = 0.042$); “Comentários sexuais indesejados” (U = 1357.50, $p = 0.027$) ; “Conteúdos verbais ou gráficos de teor sexual online” (U = 1375.50, $p = 0.008$) e “Exibicionismo ou masturbação em espaço público” (U = 1568.00, $p = 0.043$) se verificam diferenças significativas.

Verifica-se ainda, através das médias obtidas das respostas dos/as participantes, que as respostas dadas estão tendencialmente inclinadas para uma baixa frequência da prática dos comportamentos ilustrados nesta questão, de um modo geral, e as pontuações são tendencialmente superiores para a amostra de mulheres. É uma questão que foi avaliada numa escala de *likert* de cinco pontos em que: 1 = “diariamente”, 2 = “semanalmente”, 3 = “mensalmente”, 4 = pelo menos 1 vez, 5 = “nunca”.

Tabela 9

“Quais dos Seguintes Comportamentos Praticaste em Contextos de Festa?” – Resultados da Análise Estatística para Homens e Mulheres (Geração z - Comparação entre Géneros) (Teste de Mann-Whitney U)

Geração Z

	Mulheres (n=145)			Homens (n=36)			U
	M	Me	SD	M	Me	SD	
Piadas sexistas com conteúdo sexual	3.86	4.00	.40	3.53	4.00	.65	1926,50**

Olhares sexualizados/ erotizados, persistentes e indesejados	3.90	4.00	.42	3.69	4.00	.53	2114,50**
Comentários sexuais indesejados	3.99	4.00	.22	3.97	4.00	.17	2539,50
Conteúdos verbais ou gráficos de teor sexual online	4.01	4.00	.14	3.97	4.00	.17	2520,50
Insistência face à recusa de outra pessoa	3.94	4.00	.38	3.86	4.00	.42	2432,50
Invasão contínua do espaço privado/ pessoal	3.95	4.00	.32	3.86	4.00	.42	2414,50
Toques não consentidos	3.97	4.00	.34	3.86	4.00	.35	2293,50**
Exibicionismo ou masturbação em espaço público	3.99	4.00	.28	4.00	4.00	.00	2592,50
Ser encurralada/o para fins sexuais (numa situação em que a pessoa é incapaz de	4.01	4.00	.14	4.00	4.00	.00	2592,00
Sentir medo de violência sexual	3.81	4.00	.73	4.00	4.00	.00	2430,00
Apalpões ou toques insistentes	3.97	4.00	.31	3.94	4.00	.23	2488,50
Violação sem força física*	4.03	4.00	.16	4.00	4.00	.00	2538,00
Violação com força física	4.03	3.00	.16	4.00	4.00	.00	2538,00

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Na comparação realizada para a geração Z (género) foi possível constatar que para as variáveis/afirmações “Piadas sexistas com conteúdo sexual” ($U = 1926.50$, $p = 0.001$); “Olhares sexualizados/ erotizados, persistentes e indesejados” ($U = 2112.50$, $p = 0.004$); e “Toques não consentidos” ($U = 2293.50$, $p = 0.007$) existem diferenças significativas entre os géneros. À semelhança da análise anterior, ao analisar as médias obtidas, verifica-se que as respostas dadas estão tendencialmente inclinadas para uma baixa frequência da prática destes comportamentos. É uma questão que foi avaliada numa escala de *likert* de cinco pontos em que: 1 = “diariamente”, 2 = “semanalmente”, 3 = “mensalmente”, 4 = pelo menos 1 vez, 5 = “nunca”.

Nas restantes variáveis analisadas, apesar de não se terem encontrado diferenças estatisticamente significativas, podemos observar que, no geral, a pontuação é tendencialmente superior para a amostra de homens.

Discussão e Principais Conclusões

Os dados obtidos no presente estudo refletem a percepção de homens e mulheres frequentadores/as de ambientes recreativos noturnos em Portugal quanto às práticas de violência sexual em duas gerações distintas. O presente estudo teve como objetivo principal estabelecer a comparação entre as respostas dadas pelos indivíduos cujas idades remetem para duas gerações diferentes (*millennials* e *Z*). De seguida, foi também realizada uma análise de género de modo a estabelecer a comparação entre as respostas dadas por homens e por mulheres nos mesmos itens do questionário.

Reportando aos dados obtidos dos/as respondentes quanto ao que se constitui como violência sexual em ARN, quando estabelecida a comparação entre as diferentes gerações (Geração *z* e *millennials*) (apenas para a amostra de indivíduos do sexo masculino) parece existir um posicionamento consensual quanto ao que se constitui como violência sexual em ARN para ambas as gerações, de uma forma global. Identificou-se apenas uma variável onde existiram diferenças significativas entre as gerações em estudo (“Exibicionismo ou masturbação em espaço público”). A análise estática das respostas dadas pelos/as participantes permitiu concluir que os homens da geração *Z* caracterizam mais facilmente os comportamentos de exibicionismo como sendo práticas de violência sexual em ARN, em comparação aos homens *millennials*. Uma justificação possível para este fenómeno, pode ser atribuída, em parte, à informação disponível sobre o fenómeno da violência sexual nesta geração, e pela sua maior acessibilidade. Os jovens da geração *z* cresceram numa altura de profundas transformações sociais (Ipsos Mori, 2018) onde as leis de igualdade e antidiscriminação evoluíram e progrediram rumo ao liberalismo social e à igualdade de direitos. A exposição continuada e o testemunho destas transformações sociais resulta numa maior consciencialização e aceitação das mesmas, “espera-se que já ajam de acordo com acordos com este ideais” (Ipsos Mori, 2018). Deste modo, o quadro de referência através do qual esta geração compreende o fenómeno da violência sexual em ARN pode ter-se alterado comparativamente ao da geração anterior, o que por sua

vez, pode levar a um posicionamento diferente destes indivíduos face a comportamentos específicos de violência sexual. Uma vez que, a geração dos/as *millennials* é descrita como mais “convencional” (Howe & Strauss, 2000) e a geração Z é descrita como sendo a geração mais empática (Holtz, 2020), a “personalização da equidade humana” (Owen, 2017), pode argumentar-se que a perceção dos indivíduos da geração Z quanto ao que se constitui como violência sexual em ARN alterou-se no sentido de adquirir outra sensibilidade e ter um posicionamento mais crítico face a um conjunto de comportamentos específicos que poderiam ser, provavelmente, aceites e/ou tolerados em gerações anteriores. Os dados obtidos nesta análise, demonstram precisamente que os indivíduos da geração Z obtiveram níveis de concordância mais elevados naquelas que são as variáveis mais representativas do fenómeno da violência sexual em ARN (Ex. violação, exibicionismo, toques, entes outros) enquanto que os *millennials* apresentam níveis de concordância menores para essas mesmas variáveis que representam, no presente, aqueles que são os comportamentos caracterizados como violência sexual, de forma incontestável (Ex. violação, exibicionismo, toques, entes outros).

Uma possível explicação para não existirem outras diferenças significativas nesta análise, pode dever-se ao facto das próprias gerações em estudo (1). Ambas as gerações encontram-se bastante representadas na luta pela igualdade de direitos e antidiscriminação. Os/as *millennials* são uma geração crucial para a disseminação do discurso feminista, levando a uma possível compreensão do fenómeno da violência sexual e como esta se caracteriza, enquanto que, a geração Z é a “cara” do ativismo, investida na luta pelas diferentes causas sociais e pela justiça social (Holtz, 2020). Uma vez que, qualquer mudança de conduta requer tempo e um elevado investimento estratégico ao nível das alterações políticas, sociais e culturais e, visto que, em análise, estiveram duas gerações consecutivas podem existir condutas e crenças que ainda não se manifestaram de uma geração para a seguinte. Uma outra possível explicação pode remeter para a forma como os itens se encontram formulados. As escalas de *likert* (2) embora possuam afirmações claras podem ser potencialmente sugestivas/persuasivas. O objetivo é a formulação de questões neutras e imparciais de modo a não influenciar a resposta dada pelos respondentes. Deste modo, o viés de aquiescência, ou a concordância/discordância com as afirmações apresentadas sem considerar o conteúdo (Welkenhuysen-Gybels et al., 2003) podem ser aspetos a ter em conta na utilização de escalas de *likert* num estudo.

Na comparação estabelecida entre homens e mulheres das respectivas gerações (Z e *millennials*) à semelhança da análise anterior (só homens) parece existir um posicionamento consensual global entre gêneros quanto ao que se constitui como violência sexual em ARN, no entanto, existe um padrão de discrepância nas respostas dadas que aparentemente difere em função do gênero do/da respondente a não da sua geração. Os dados obtidos nesta amostra mista demonstram uma tendência superior para a concordância na amostra de mulheres comparativamente aos homens. Um padrão que é visível para todas as variáveis nas análises realizadas para ambas as gerações (Z e *millennials*). As diferenças significativas verificadas nas análises realizadas para as duas gerações em estudo (*millennials* e Z) permitem concluir que, em comparação à amostra de homens, a amostra de mulheres reconhece mais facilmente os comportamentos ilustrados no questionário como sendo práticas de violência sexual em ARN. Segundo a literatura, o que pode contribuir para tal discrepância de opinião entre gêneros pode dever-se a inúmeros fatores, relacionados com as diferenças de gênero quanto à percepção do interesse sexual, com a interpretação dada a determinados comportamentos mais ou menos sexualizados em ARN, e com a expectativa associada à “obrigação” de aceitar os avanços sexuais e à forma de comunicar a recusa de um avanço sexual, entre outros (Abbey et al., 2001; Parks & Miller, 1997). Por exemplo, a literatura diz-nos que há uma maior aceitação deste tipo de comportamentos por parte dos homens porque estes percebem os contextos de recreação noturna como locais onde há a probabilidade de ocorrerem encontros sexuais, e por isso, podem sentir-se mais legitimados a adotar posturas e comportamentos mais sexualizados e estereotipados (Grazian, 2007). Os dados obtidos nesta comparação parecem suportar esta afirmação para ambas as gerações em estudo.

Relativamente aos mitos de violação, este têm sido alvo de grande discussão na comunidade científica, como crenças e/ou atitudes, geralmente falsas, que servem para negar e/ou justificar uma agressão sexual sobre a mulher, estes encontram-se extraordinariamente disseminados (Lonsway & Fitzgerald, 1994). No presente estudo, uma das afirmações onde se verificou existirem diferenças significativas para as gerações em estudo foi na afirmação “A violência sexual é principalmente perpetrada por homens desconhecidos” cuja concordância foi significativamente mais elevada para a amostra de homens da geração Z. Os mitos de violação, como crenças que podem diferir no tempo e no contexto social (Carvalho Freitas & Morais, 2019) podem adquirir maior relevo e

destaque numa determinada cultura e num determinado espaço temporal. Neste sentido, a discrepância dos resultados obtidos entre as gerações em análise pode dever-se a esse fator. No entanto, é interessante o facto de a concordância com esta afirmação ser mais elevada na geração Z que seria a geração “mais feminista e ativista” até hoje (Ipsos Mori, 2018). Uma vez que o movimento feminista se tornou mais holístico nos últimos anos e, de muitas maneiras, deixou de ser apenas “um problema das mulheres”, passando a abranger o próprio senso de identidade e o conceito central de igualdade, seria expectável que os indivíduos da geração Z se encontrassem numa posição (mais) privilegiada para identificar este mito. De qualquer forma, é necessário interpretar estes dados com cautela, porque a noção de que a violência sexual é praticada por pessoas desconhecidas não é uma noção nova (Estrich 1987), surgindo como um dos mitos previamente mencionados, tem como finalidade desacreditar as vítimas e desconsiderar os ofensores que não correspondem a esse estereótipo (Burt, 1998). Outra das afirmações que se destacou, embora não se tenham verificado diferenças significativas, foi a afirmação “Os homens que cometem agressões sexuais não se conseguem controlar” onde ambas as amostras de homens das respetivas gerações apresentaram um pontuação tendencialmente inclinada para a discordância, o que pode sugerir que, o próprio homem, identifica neste mito uma tentativa de justificar os comportamentos de violência sexual sobre a mulher com base nos traços específicos e/ou patológicos do agressor (Payne et al., 1999) tal como sugere a literatura.

Segundo Ryan (2011) o homem pode optar por se distanciar do fenómeno da violência sexual de modo a proteger-se a si e ao seu comportamento da possibilidade de ser ou não capaz de cometer atos de agressão sexual. A perpetração de violência sexual em ARN pode ser rara para o homem porque este opta por se distanciar do discurso que poderá caracterizar os seus comportamentos como abusivos ou não, como tal, não pode ser qualificado como agressor. Na comparação estabelecida entre géneros (*millennials*), para a afirmação “As mulheres gostam de receber comentários sobre a sua aparência física quando estão a caminhar pela rua” a discordância foi significativamente superior para a amostra feminina, o que, apesar da tendência discordante presente em ambos os géneros parece ir encontro do mencionado na literatura, de que a perceção do interesse sexual varia em função do género (Abbey et al., 2001; Parks & Miller, 1997) podendo ser este então um dos fatores que contribuem para a violência sexual em ARN. No entanto, os resultados obtidos para a afirmação “A violência sexual em contextos de festa é rara”

(análise geração z) parecem coincidir com as mesmas conclusões de Ryan (2011). A concordância significativamente superior na amostra masculina parece demonstrar que a “falha” no reconhecimento do fenómeno da violência sexual em ARN pode ser uma forma de o homem justificar a sua própria tendência em envolver-se em agressões sexuais (Bohner and colleagues, 2009) através da banalização desses comportamentos. Assim, quando na afirmação “As mulheres devem evitar perder o controlo sobre o seu consumo de drogas quando saem porque podem ser agredidas sexualmente” (análise geração Z) a concordância foi significativamente superior para a amostra masculina. Alerta-nos para a tendência de o homem restringir o papel da mulher a comportamentos tradicionalmente convencionados, e como qualquer desvio desse padrão pode resultar na vitimização e posterior culpabilização da mulher por não corresponder a essa representação convencional/tradicional do seu género (York, 2011).

Remetendo ainda para os comportamentos praticados em contexto de festa, foram encontradas diferenças significativas apenas na análise realizada para os géneros. Na comparação estabelecida entre os homens de duas gerações distintas (*millennials* e Z) não foram encontradas diferenças entre as duas gerações em estudo. Os resultados obtidos de ambas as análises podem ser explicadas, em parte, pela importância na manutenção do guião masculino nestes contextos, como a “única forma de ser homem” em ARN. Sendo uma forte componente da identidade masculina pode adquirir, aqui, contornos específicos que noutros contextos não adquiriria, independentemente dos valores e crenças associadas à sua geração. Neste sentido, o facto de não existirem diferenças significativas entre as gerações em estudo (amostra masculina) pode dever-se a este fator. A importância do guião masculino em ARN pode transcender, para o homem, a própria identidade social. Isto significa que, embora a literatura caracterize a geração z como uma geração que não adere (tanto) às crenças tradicionais de género, e como sendo uma geração bastante mais envolvida na luta/defesa pelas diferentes causas sociais que as suas gerações antecessoras (Holtz. 2020) o mesmo tipo de comportamento abusivo pode estar a ser posto em prática também pelos indivíduos desta geração “mais feminista” (Ipsos Mori, 2018). É uma justificação possível para o facto de não existirem diferenças significativas no comportamento dos indivíduos de duas gerações diferentes que, aparentemente, compreendem valores sociais e crenças diferentes. A respeito da análise de género, as diferenças significativas identificadas remetem para uma frequência superior dos comportamentos analisados para a amostra masculina. Algo que foi

verificado em todas as variáveis/afirmações para ambas as gerações em estudo (*millennials* e *z*). Os resultados obtidos remetem-nos para as mesmas conclusões já mencionadas. O homem em ARN racionaliza que este tipo de comportamentos são comportamentos que têm de pôr em prática para (re)afirmar a sua virilidade e masculinidade, de forma a ser “aceite” num grupo social masculino, mesmo que sejam comportamentos que não sejam consonantes com a imagem que este mantém de si. São comportamentos que ocorrem em ARN devido (também) à existência de uma plateia social (Butler, 1988) que pode ser qualificativa quanto às competências de cada homem. São as dinâmicas de competição que caracterizam a masculinidade (Flood, 2008) que, por sua vez, podem ser promotoras de violência sexual.

O presente estudo procura dar o seu contributo para o conhecimento (ainda escasso) que relaciona o tema das masculinidades com a violência sexual, com o enfoque na sua ocorrência em ARN. A discussão em torno das comparações estabelecidas entre gerações e géneros deve ser interpretada com cautela devido ao seu potencial generalizador e/ou redutor. Pretendeu-se aceder às crenças e comportamentos dos/as participantes e estabelecer a sua possível relação com as características atribuídas pela literatura às diferentes gerações em estudo, com o intuito de gerar novas noções e discussões que contribuam para a construção de conhecimento.

Limitações e Implicações Futuras

O presente estudo remeteu para uma temporada atípica vivida pelos/as participantes/respondentes no momento atual. A situação de pandemia mundial (Covid-19) resultou na imposição de normas e outras limitações que impossibilitaram a abertura dos espaços de lazer noturno em Portugal. Este cenário contribuiu não só para o aumento dos constrangimentos à participação em contextos de festa, mas teve também impacto nos comportamentos praticados nestes contextos e/ou em contextos de festa semelhantes (adaptados à situação de pandemia – e.g. festa ilegais). Assim, o facto de os/as respondentes não terem participado em ARN nos meses antes do lançamento do questionário online pode ter tido influência no modo como os participantes recordaram e reportaram os acontecimentos.

Outra possível limitação remete para o número desigual de participantes homens e mulheres que responderam ao questionário, assim como, as disparidades entre o número

de participantes para cada geração em estudo (*millennials* e *Z*). Tal discrepância pode estar associada ao facto de as mulheres terem maior interesse e disponibilidade para discutir esta temática. O mesmo pode ser dito relativamente às gerações em estudo. Para a geração *Z* o número de participantes foi inferior ao dos/as *millennials*, o que pode ser atribuído a razões semelhantes, também devido ao contraste de idades, visto ser a geração com a população mais jovem. Neste sentido, devem ser tidas em conta no futuro, estratégias que visem o aumento da participação das gerações mais novas e dos indivíduos do sexo masculino em estudos que remetam para estas temáticas e/ou outras semelhantes, de modo a permitir alcançar conclusões mais equiparadas.

Os processos de desejabilidade social, como a tendência para atribuir a si mesmo/a atitudes e/ou comportamentos socialmente desejáveis, podem também ser um aspeto importante a ter em conta na análise das respostas deste questionário.

Por último, devem ser consideradas também as limitações do uso de *websurveys* ou de questionários online divulgados virtualmente. Em particular, os dados obtidos não são possíveis de ser generalizados porque assentam numa amostragem não-probabilística, que inclui apenas na sua amostra as pessoas que têm acesso à internet e tiveram acesso ao questionário (1), e as que tomaram a decisão em querer participar (2) (Barratt et al., 2017).

Referências Bibliográficas

1. Abbey, A., McAuslan, P., Zawacki, T., Clinton, A. M., & Buck, P. O. (2001). Attitudinal, experiential, and situational predictors of sexual assault perpetration. *Journal of interpersonal violence*, 16(8), 784-807.
2. Aldridge, J., & Charles, V. (2008). Researching the intoxicated: informed consent implications for alcohol and drug research. *Drug and alcohol dependence*, 93(3), 191-196.
3. Arpa, S. (2017). Women who use drugs: Issues, needs, responses, challenges and implications for policy and practice.
4. APAV. (2015). Folha Informativa Violência Sexual. https://apav.pt/apav_v3/images/folhas_informativas/fi_violencia_sexual.pdf

5. Barratt, M. J., Ferris, J. A., Zahnow, R., Palamar, J. J., Maier, L. J., & Winstock, A. R. (2017). Moving on from representativeness: testing the utility of the Global Drug Survey. *Substance Abuse: Research and Treatment*. doi: 10.1177/1178221817716391
6. Becoña, E., Juan, M., Calafat, A., & Ros, M. (2008). Razones para no aceptar una relación sexual en jóvenes que se divierten en contextos recreativos nocturnos en función del género y la embriaguez. *Adicciones*, 20(4), 357-364.
7. Beres, M. (2010). Sexual miscommunication? Untangling assumptions about sexual communication between casual sex partners. *Culture, health & sexuality*, 12(1), 1-14
8. Beynon, C. M., McVeigh, C., McVeigh, J., Leavey, C., & Bellis, M. A. (2008). The involvement of drugs and alcohol in drug-facilitated sexual assault: a systematic review of the evidence. *Trauma, Violence, & Abuse*, 9(3), 178-188.
9. Bohner, G., Eyssel, F., Pina, A., Siebler, F., & Viki, G. T. (2009). Rape myth acceptance: Cognitive, affective and behavioural effects of beliefs that blame the victim and exonerate the perpetrator. *Rape: Challenging contemporary thinking*, 17-45.
10. Bouso, J. C. (2010). Medicinas Recreativas. Baile, Trance y Transformación. *Revista Ulisses*, 12, 32-35.
11. Burt, M. R. (1998). Rape myths. *Confronting rape and sexual assault*, 3, 129-144
12. Butler, J. (1988). Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. *Theatre Journal*, 40(4), 519-531. <https://doi.org/10.2307/3207893>.
13. Calafat, A., Bellis, M. A., Del Rio, E. F., Juan, M., Hughes, K., Morleo, M., ... & Mendes, F. (2013). Nightlife, verbal and physical violence among young European holidaymakers: what are the triggers?. *Public health*, 127(10), 908-915.
14. Calafat, A., Juan, M., Becoña, E., & Mantecón, A. (2008). Qué drogas se prefieren para las relaciones sexuales en contextos recreativos. *Adicciones*, 20(1), 37-48.
15. Calafat, A., Blay, N., Bellis, M., Hughes, K., Kokkevi, A., Mendes, F., ... & Tripodi, S. (2010). Tourism, nightlife and violence: a cross cultural analysis and preventive recommendations. *Valencia, Spain*, 10-43.
16. Connell, R. (2015). Masculinities: The field of knowledge. In *Configuring masculinity in theory and literary practice* (pp. 39-51). Brill Rodopi.
17. Connell, R. W. (2005). *Masculinities*. Polity.

18. Cruz, M. M. M. D. (2016). *Generation Z: influencers of decision-making process: the influence of WOM and Peer interaction in the decision-making process* (Doctoral dissertation).
19. Darden, M. C., Ehman, A. C., Lair, E. C., & Gross, A. M. (2019). Sexual compliance: examining the relationships among sexual want, sexual consent, and sexual assertiveness. *Sexuality & Culture*, 23(1), 220-235.
20. de Azevedo Carvalho, M. C. (2016). Ambientes recreativos nocturnos. As dimensões ambientais e os fenómenos do uso de substâncias psicoactivas, do risco e da proteção.
21. de Carvalho Freitas, J. C., & de Moraes, A. O. (2019). Cultura do estupro: considerações sobre violência sexual, feminismo e Análise do Comportamento. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 27(1), 109-126.
22. Duckworth, K. D., & Trautner, M. N. (2019). Gender Goals: defining Masculinity and navigating Peer Pressure to engage in sexual activity. *Gender & Society*, 33(5), 795-817.
23. Dominic Abrams, G. Tendayi Viki, Barbara Masser & Gerd Bohner, Perceptions of Stranger and Acquaintance Rape: The Role of Benevolent and Hostile Sexism in Victim Blame and Rape Proclivity, 84 J. Personality & Soc. Psychol. 111–25 (2003).
24. Ebert, J. F., Huibers, L., Christensen, B., & Christensen, M. B. (2018). Or web-based questionnaire invitations as a method for data collection: cross-sectional comparative study of differences in response rate, completeness of data, and financial cost. *Journal of medical Internet research*, 20(1), e24.
25. Erens, B., Burkill, S., Couper, M. P., Conrad, F., Clifton, S., Tanton, C., ... & Copas, A. J. (2014). Nonprobability web surveys to measure sexual behaviors and attitudes in the general population: a comparison with a probability sample interview survey. *Journal of medical Internet research*, 16(12), e276
26. Estrich, S. (1987). *Real rape*. Harvard University Press.
27. Everydaysexism (2012). Disponível em: <https://everydaysexism.com>
28. Faleiros, F., Käßpler, C., Pontes, F. A. R., Silva, S. S. D. C., Goes, F. D. S. N. D., & Cucick, C. D. (2016). Use of virtual questionnaire and dissemination as a data collection strategy in scientific studies. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 25. <https://doi.org/10.1590/0104-07072016003880014>

29. Farkas, G., & Rosen, R. C. (1976). The effects of ethanol on male sexual arousal. *Journal of Studies on Alcohol*, 37, 265-272.
30. Fleming, C., & Davis, S. N. (2018). Masculinity and Virgin-Shaming Among College Men. *The Journal of Men's Studies*, 26(3), 227-246.
31. Flood, M. (2008). Men, sex, and homosociality: How bonds between men shape their sexual relations with women. *Men and masculinities*, 10(3), 339-359.
32. Gladue, B. A., & Bailey, J. M. (1995). Aggressiveness, competitiveness, and human sexual orientation. *Psychoneuroendocrinology*, 20(5), 475-485.
33. Gomez, K., Mawhinney, T., Betts, K., Sapp, K., Brown, A., & Santner, K. (2019). Welcome to Generation Z Network of Executive Women and Deloitte.
34. Graham, K., Bernards, S., Wayne Osgood, D., Abbey, A., Parks, M., Flynn, A., ... & Wells, S. (2014). "Blurred lines?" Sexual aggression and barroom culture. *Alcoholism: clinical and experimental research*, 38(5), 1416-1424.
35. Grave, R., Teixeira, T., Teixeira, P. M., Marques, A. M., & Nogueira, C. (2020). A meta-synthesis about the study of men's sexual behavior through the lens of hegemonic masculinity.
36. Grazian, D. (2007). The girl hunt: Urban nightlife and the performance of masculinity as collective activity. *Symbolic interaction*, 30(2), 221-243.
37. Grossi, M. P. (2004). Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em primeira mão*, 75(1), 5-37.
38. Gunby, C., Carline, A., & Taylor, S. (2017). Location, libation and leisure: An examination of the use of licensed venues to help challenge sexual violence. *Crime, media, culture*, 13(3), 315-333.
39. Haywood, C., Johansson, T., Hammarén, N., Herz, M., & Ottemo, A. (2017). The conundrum of masculinity: Hegemony, homosociality, homophobia and heteronormativity. Routledge.
40. HeForShe. (2019). Retrieved from <https://heforshe.org/en>
41. Hickey, C. (2016). Hypermasculinity. *The Wiley Blackwell Encyclopedia of Gender and Sexuality Studies*, 1-3.
42. Hillstrom, L. C. (2018). *The#metoo movement*. ABC-CLIO.

43. Holtz, T. D. (2020). *Geração Z: novos consumidores do mercado e a equidade de gênero nas campanhas publicitárias, no mercado de Portugal e do Brasil* (Doctoral dissertation).
44. Howe, N., & Strauss, W. (2000). *Millennials rising: The next great generation*. Vintage.
45. Hunnicutt, G. (2009). Varieties of patriarchy and violence against women: Resurrecting “patriarchy” as a theoretical tool. *Violence against women, 15*(5), 553-573.7.
46. Ipsos Mori (July 2018). Beyond Binary. The Lives and Choices of Generation Z. Retrieved from <https://www.ipsos.com/it-it/beyond-binary-lives-and-choicesgeneration-z>.
47. Kimmel, M. S., Hearn, J., & Connell, R. W. (Eds.). (2004). *Handbook of studies on men and masculinities*. Sage Publications.
48. Krantz, J. H., & Dalal, R. (2000). *Validity of Web-based psychological research*. In M. H. Birnbaum (Ed.), *Psychological experiments on the Internet* (p. 35–60). Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-012099980-4/50003-4>
49. Lea, S., & Auburn, T. (2001). The social construction of rape in the talk of a convicted rapist. *Feminism & Psychology, 11*(1), 11-33.
50. Lomba, L., Apóstolo, J., Mendes, F., & Campos, D. C. D. (2011). Jovens portuguesas que frequentam ambientes recreativos nocturnos. Quem são e comportamentos que adoptam. *Toxicodependências, 17*(1), 3-15.
51. Lonsway, K. A., & Fitzgerald, L. F. (1994). Rape myths. In review. *Psychology of women quarterly, 18*(2), 133-164.
52. Maida, A. S. (2018). US Millennials and The Hook-Up Culture: An Online Descriptive Survey of Hook-Up Attitudes, Beliefs, and Experiences.
53. Martins, C. (2011). Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir. *Braga: Psiquilíbrios Edições*.
54. McKnight, P. E., & Najab, J. (2010). Mann-Whitney U Test. *The Corsini encyclopedia of psychology, 1-1*.
55. McQuigg, R. (2017). *The Istanbul Convention, Domestic Violence and Human Rights*. Routledge.
56. Messerschmidt, J. W. (2018). *Hegemonic masculinity: Formulation, reformulation, and amplification*. Rowman & Littlefield.

57. Moskowitz, D. R. G., & Roloff, M. (2008). Tops, bottoms and versatiles. *Sexual and Relationship Therapy*, 23(3), 191-202.
58. Mouilso, E. R., Calhoun, K. S., & Rosenbloom, T. G. (2016). Impulsivity and sexual assault in college men. *Perspectives on college sexual assault: Perpetrator, victim, and bystander*, 137-150.
59. Netquest. (2017). *Fundamentos da Coleta de Dados Online*. https://cdn2.hubspot.net/hubfs/2595966/docs/ebook_online_data_collection_BR.pdf
60. Noctambul@s. 2016. Informe 2014/2015. *Fundación Salud y Comunidad*. Disponível em <http://www.drogasgenero.info/noctambulas/informes/#fb1=1>
61. Norris, J., George, W. H., Davis, K. C., Martell, J., & Leonesio, R. J. (1999). Alcohol and hypermasculinity as determinants of men's empathic responses to violent pornography. *Journal of Interpersonal Violence*, 14(7), 683-700.
62. Pais, J. M. (2010). Is leisure studies “ethnocentric?” Other “musics,” other insights: A view from Lisbon, Portugal. *World Leisure Journal*, 52(3), 181-184.
63. Parks, K. A., & Miller, B. A. (1997). Bar victimization of women. *Psychology of Women Quarterly*, 21(4), 509-525.
64. Parks, K. A., & Scheidt, D. M. (2000). Male bar drinkers' perspective on female bar drinkers. *Sex Roles*, 43(11-12), 927-941.
65. Payne, D. L., Lonsway, K. A., & Fitzgerald, L. F. (1999). Rape myth acceptance: Exploration of its structure and its measurement using the Illinois rape myth acceptance scale. *Journal of Research in Personality*, 33(1), 27-68.
66. Pressman, S. D., Matthews, K. A., Cohen, S., Martire, L. M., Scheier, M., Baum, A., & Schulz, R. (2009). Association of enjoyable leisure activities with psychological and physical well-being. *Psychosomatic medicine*, 71(7), 725.
67. Prohaska, A., & Gailey, J. A. (2010). Achieving masculinity through sexual predation: The case of hogging. *Journal of gender studies*, 19(1), 13-25.
68. Reckziegel, D. (2009). Lazer noturno: aspectos configuracionais e formais e sua relação com a satisfação e preferência dos usuários.
69. Reynolds, S. (1999). *Generation ecstasy: Into the world of techno and rave culture*. Psychology Press.

70. Ryan, K. M. (2011). The relationship between rape myths and sexual scripts: The social construction of rape. *Sex roles*, 65(11-12), 774-782.
71. Rylko-Bauer, B., & Farmer, P. (2016). Structural violence, poverty, and social suffering. *The Oxford handbook of the social science of poverty*, 47-74.
72. Santos, N. P. D., & Moreira, C. O. (2008). O lazer e a noite. Imagens de uma cidade universitária: Coimbra.
73. Santos, N., & Moreira, C. (2012). Evening/night-time leisure in Coimbra. *Valença, M., Fernandes, JAR, Cravidão, F., Urban developments in Brazil and Portugal, Nova Publishers, Nova Iorque*.
74. Shafer, A., Ortiz, R. R., Thompson, B., & Huemmer, J. (2018). The role of hypermasculinity, token resistance, rape myth, and assertive sexual consent communication among college men. *Journal of Adolescent Health*, 62(3), S44-S50.
75. Sottomayor, M. C. (2015). A convenção de istambul e o novo paradigma da violência de género. *Ex aequo*, (31), 105-121.
76. Stangor, C. (2011). *Research methods for the behavioural sciences (4th ed.)*. Mountain View, CA: Cengage.
77. Stern, E., Cooper, D., & Greenbaum, B. (2015). The relationship between hegemonic norms of masculinity and men's conceptualization of sexually coercive acts by women in South Africa. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(5), 796-817.
78. Testa, M. (2004). The role of substance use in male-to-female physical and sexual violence: A brief review and recommendations for future research. *Journal of interpersonal violence*, 19(12), 1494-1505.
79. Thompson Jr, E. H., & Cracco, E. J. (2008). Sexual aggression in bars: What college men can normalize. *The Journal of Men's Studies*, 16(1), 82-96.
80. Tilly, C. (1984). Big structures, large processes, huge comparisons.
81. Torres, J. B., Solberg, V. S. H., & Carlstrom, A. H. (2002). The myth of sameness among Latino men and their machismo. *American Journal of Orthopsychiatry*, 72(2), 163-181.
82. Töröcsik, M., Szűcs, K., & Kehl, D. (2014). How generations think: research on generation z. *Acta universitatis Sapientiae, communicatio*, 1(1), 23-45.
83. Twenge, J. M. (2013). The evidence for generation me and against generation we. *Emerging Adulthood*, 1(1), 11-16.

84. Twenge, J. M., Miller, J. D., & Campbell, W. K. (2014). The narcissism epidemic: Commentary on Modernity and narcissistic personality disorder.
85. Twenge, J. M. (2013). The evidence for generation me and against generation we. *Emerging Adulthood, 1*(1), 11-16.
86. Vechiu, C. (2019). The Role of Hypermasculinity as a Risk Factor in Sexual Assault Perpetration. In *Handbook of Sexual Assault and Sexual Assault Prevention* (pp. 257-273). Springer, Cham.
87. Walinga, J., & Stangor, C. (2014). Introduction to Psychology-1st Canadian Edition.
88. Welkenhuysen-Gybels, J., Billiet, J., & Cambré, B. (2003). Adjustment for acquiescence in the assessment of the construct equivalence of Likert-type score items. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 34*(6), 702-722.
89. World Health Organization. (2002). World Report on Violence and Health.
90. World Health Organization. (2005). *WHO multi-country study on women's health and domestic violence against women: Initial results on prevalence, health outcomes and women's responses*. World Health Organization.
91. World Health Organization. (2000). *The world health report 2000: health systems: improving performance*. World Health Organization.
92. Yamawaki, N. (2007). Rape perception and the function of ambivalent sexism and gender-role traditionality. *Journal of Interpersonal Violence, 22*(4), 406-423.
93. York, M. R. (2011). *Gender attitudes and violence against women*. LFB Scholarly Pub.